

**UNIJUÍ - UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *SCRIBTO SENSU* EM EDUCAÇÃO NAS
CIÊNCIAS**

TAMARA ANGÉLICA BRUDNA DA ROSA JUNTHON

**A LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA VEICULAR NUMA ABORDAGEM
HISTÓRICO-TECNO-CULTURAL**

Ijuí (RS)
2010

TAMARA ANGÉLICA BRUDNA DA ROSA

**A LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA VEICULAR NUMA ABORDAGEM
HISTÓRICO-TECNO-CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências, Departamento de Pedagogia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Educação nas Ciências.

Orientador: Otavio Aloisio Maldaner

Ijuí (RS)
2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

*Estudar é uma forma de
reinventar, de re-criar, de re-escrever –
tarefa de sujeito e não de objeto.
(Paulo Freire)*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida.

Aos meus familiares e amigos, pelas horas de apoio, as palavras de conforto e ânimo.

Ao meu orientador, Otávio Maldaner, pelos livros, explicações e dedicação.

À Coordenação do Curso de Mestrado e professores da banca, pela compreensão, atenção e oportunidade.

Enfim, obrigada a todos!

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi discutir o papel da Língua Inglesa como ferramenta mediadora, abordando a questão da referida língua como Língua Veicular no Curso Técnico em Gerenciamento de Sistemas de Informação, a partir de bases epistemológicas ancoradas na abordagem sóciohistórica contida nas obras de Vygotsky. Além disso, o texto versa sobre a abordagem comunicativa em consonância a concepções metodológicas baseadas em processos interativos e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. O objetivo da abordagem comunicativa foi desenvolver a competência comunicativa do aprendiz. Para tanto, o ensino é baseado em funções e noções da língua com ênfase no processo comunicativo. Dessa forma, a discussão presente no trabalho se configurou bastante relevante tanto no que se refere à metodologia pedagógica quanto à contemplação do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação no processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa em consonância com os anseios profissionais inerentes a constituição do ser professora. Além disso, constatou-se a importância da realização de pesquisas com o foco na abordagem histórico-cultural no contexto de sala de aula.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Comunicação. Sociocultural. Vygotsky.

ABSTRACT

aaaaaaaaaaaaaa

The present work addresses the issue of English as a vehicular language in a technical course of Management Information Systems based on the epistemological foundations anchored in the social-historical approach contained in the works of Vygotsky. Moreover, this text focuses on the communicative approach in detriment of methodological conceptions based on interactive processes and the NCS (National Curriculum Standards). The goal of the communicate approach was to develop the communicate competence of learner. Thus, the teaching was based on functions and notions of language with emphasis on the communicate process. Thus, the discussion contained in this work can be considered quite relevant to teaching methodology and to contemplate the use of ICT (Information and Communication Technologies) in teaching and learning English.

Keywords: English, Communication, Social-cultural, Vygotsky

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gêneros Textuais.....	38
Gráfico 2: Tempo de estudo.....	38
Gráfico 3: Lugar para estudo.....	39
Gráfico 4: Estudo.....	39
Gráfico 5: Pontualidade.....	40
Gráfico 6: Motivação.....	40
Gráfico 7: Habilidades.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS

LI: Língua Inglesa

LE: Língua Estrangeira

LM: Língua Materna

LV: Língua Veicular

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PRC: Padrão Referencial de Currículo

TIC: Tecnologias de Informação e Comunicação

LEM: Língua Estrangeira Moderna

ICT: Information and Communication Technologies

NCS: National Curriculum Standards

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Competências e habilidades	38
Quadro 2: Estratégias de compreensão	39
Quadro 3: Estratégias de produção.....	40
Quadro 4: Gêneros textuais em ambientes digitais.....	41
Quadro 5: Parâmetros para identificação de gêneros digitais	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11	
CAPÍTULO I		
O SIGNIFICADO DA INTERAÇÃO SOCIAL E DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM UM CONTEXTO ESCOLAR..	19	
1.1 Aprendizagem de uma língua estrangeira: percurso histórico-cultural.....	19	
1.2 Mediação e evolução em questão.....	27	
1.3 Os PCN e o professor de Língua Estrangeira	32	
1.4 Os gêneros textuais e o ensino da Língua Inglesa em um contexto tecnológico	35	
CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS		43
2.1 Análise e discussão dos dados	43	
2.1.1 Questionário inicial	43	
2.1.2 Apresentação e análise dos episódios	47	
2.2 Discussão dos dados	60	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66	
REFERÊNCIAS	71	
ANEXOS	78	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de alguns questionamentos proporcionados pela experiência como professora de Língua Inglesa e de Língua Portuguesa em uma escola pública e, mais especificamente, em um curso técnico em Gerenciamento de Sistemas de Informação, e também como ex-aluna de curso de idiomas. O trabalho apresenta algumas breves – mas creio que importantes – reflexões relacionadas ao ensino de Língua Estrangeira (doravante LE).

Esta dissertação aborda a questão da mediação no ensino da Língua Inglesa (LI) ancorada nos pressupostos de Vygotsky, considerando a LI como veicular em uma abordagem sócio-histórica através da produção e análise de dados empíricos. Para Vygotsky, um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pelo indivíduo. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma, a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

Independentemente de reconhecer-se a importância do aprendizado de uma Língua Estrangeira (LE), considero necessário apontar algumas justificativas para o ensino de LI como LV (doravante LV) em um contexto escolar:

O caso típico é o papel que o Inglês representa em função do poder e da influência da economia norte-americana. Essa influência cresceu ao longo deste século, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, e atingiu seu apogeu na chamada sociedade globalizada e de alto nível tecnológico, em que alguns indivíduos vivem neste final de século. O Inglês, hoje, é língua mais usada no mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades. (BRASIL, MEC, 1998, p. 23)

Para tanto, cabe ressaltar a definição de alguns termos assumidos no texto da dissertação, tais como:

* **Gêneros discursivos:** São determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São

caracterizados por três elementos: conteúdo temático, construção composicional e estilo (BAKTHIN, 1990).

* **Língua:** De acordo com os PCN (1998, p. 2):

É um sistema de signos específicos, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender-la é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas aprender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

* **Linguagem é:**

Ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de Interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. (PCN, 1998, p. 20).

* **Sequência didática.** Trata-se de atividades que são planejadas para serem desenvolvidas em função das necessidades de aprendizagem que os alunos apresentam. A organização dessas atividades se faz a partir do levantamento dos conhecimentos que os alunos já possuem sobre o conteúdo que vai ser trabalhado com a finalidade de possibilitar a aprendizagem deles (PCN, 1998).

***Língua veicular:** É aquela que permite o entendimento e a manutenção de relação entre profissionais de áreas.

* **Cultura:** “cultura é, simultaneamente, o produto da vida social e da atividade social dos homens” (PINO, 2005: 18). A passagem do homem do estado de natureza ao estado de cultura é um processo cujos detalhes mal podemos imaginar e do qual pouca coisa podemos afirmar além de que se trata de algo paradoxal, uma vez que a cultura é, ao mesmo tempo, a condição e o resultado da emergência do homem como ser humano (PINO, 2005, p.54).

* **Letramento:** a palavra letramento apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de 1986. Na verdade, a palavra letramento é uma tradução para o Português da palavra inglesa *literacy*, os dicionários definem assim essa palavra: **literacy** = the condition of being

literate. É o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de duas práticas sociais.

* **Informação:** “é um processo que visa o conhecimento, ou, mais simplesmente, informação é tudo o que reduz a incerteza... Um instrumento de compreensão do mundo e da ação sobre ele” (Zorrinho, 1995).

* **Língua Franca** - é uma língua que, via de regra, não pertence especificamente a nenhuma comunidade linguística, mas pode ser adotada, por uma população, como meio de comunicação.

O trabalho também reflete sobre a significação e os processos de ensino e aprendizagem atualmente em LE, no caso é a Língua Inglesa (doravante LI). Nesse sentido, foi indispensável a reflexão e o aprimoramento sobre o meu fazer pedagógico como educadora em relação à sensibilização do aluno produtor de sentidos e interpretador de significados.

O foco do meu interesse aqui não é o processo de ensino e aprendizagem da palavra escrita em si, o aspecto técnico, mas a relação entre o conhecimento da palavra escrita e a suas interações. Estou defendendo a visão de que o professor como outros profissionais, deve produzir conhecimentos dentro de sua área de atuação e não apenas reproduzir os papéis que lhe são atribuídos (MATÊNCIO, 1994).

Além disso, Vygotsky (1984, p.31) ressalta o papel social da linguagem ao dizer que:

Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

Conforme o autor, é através da linguagem e da interação com os outros que as crianças vão ampliando seus conhecimentos. No caso da aprendizagem de uma língua, a interação é imprescindível, pois a língua é por sua natureza social. Aprende-se uma língua para se comunicar com os outros, seja por meio escrito ou por meio oral.

A pesquisa baseou-se em trabalho de campo e bibliográfica, com intervenção direta em sala de aula, onde os sujeitos do processo e o objeto de pesquisa faziam

parte do contexto real da situação da leitura, na qual todos estavam interagindo em prol de estratégias de leitura que realmente fossem significativas.

O projeto de estudo da LI na escola baseia-se na área da Educação permeada, principalmente, com a área da LEM (LEM), nesse caso a LI. A população-alvo do trabalho foi formada de 20 alunos da 1ª etapa do Curso Técnico em Gerenciamento de Sistemas de Informação, do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual 25 de Julho do município de Ijuí, situada à Rua Pedro Américo, 479. A escola também tem outros 3 cursos técnicos sendo eles: Técnico em Mecânica, em Eletrotécnica, em Madeira e Mobiliário. A turma tinha cinco períodos semanais consecutivos de Inglês, ou seja, 5 horas-aula, totalizando 40 horas/aula.

A partir de inquietações como docente e frente às novas implicações educacionais que a sociedade da informação nos apresenta, o acompanhamento pela pesquisa de um projeto pedagógico inovador foi a oportunidade de aprimorar a minha prática docente em prol de uma abordagem histórico-cultural, a qual contemplasse os gêneros textuais da LI como LV baseados em interações sociais inerentes à atualidade.

Cabe ainda ressaltar que um dos pressupostos levados em consideração foi o de que, sejam quais forem as razões - econômicas, diplomáticas, sociais, comerciais -, a necessidade de entrar em contato com falantes de outro idioma é muito antiga e que, ao longo da história, os avanços tecnológicos tem potencializado mudanças paradigmáticas no campo da educação. A educação existe quando o educador propõe um desafio, uma tarefa, uma situação prática e oferece uma série de meios e instrumentos a quem está sendo educado, de forma que o educando, apropriando-se deles, passe a integrar o conjunto de cidadãos através de novas interações sociais para as quais passa a estar mais preparado.

A discussão sobre o ensino de uma Língua Materna (doravante LM) e/ou LE passou necessariamente por algumas questões como: O que é linguagem? Qual a sua importância na constituição dos sujeitos e das culturas? Qual o papel da mediação no processo de ensino e aprendizagem de uma LE? Por que é importante aprender uma LE?

Os alunos foram introduzidos na leitura de vários tipos de textos na LE, em que também se ampliou o universo cultural diferente da sua LM, para estimular,

assim, a formação do pensamento crítico, a capacitação da reflexão de seu mundo próprio. Primeiramente cheguei a pensar que o educando da LE ativaria automaticamente as estratégias de leitura que ele normalmente ativa, inconscientemente, na sua LM. Porém, isso não correspondeu à realidade, em sua maioria das vezes.

No caso da LE, foram levados em consideração alguns critérios de inclusão no processo de ensino e aprendizagem, tais como fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais e fatores relativos à tradição. Além disso, foi de suma importância, como educadora, o entendimento de LE como processo sociointeracional, não estático, pois a língua é interação verbal.

Nesse sentido, os alunos criaram os significados com base no seu conhecimento de mundo e da língua, pois, conforme o PCN (1998, p. 27), “todo significado é dialógico, isto é, construído pelos participantes do discurso”. Assim, a aprendizagem ocorreu como forma de coparticipação social em que houve interação e uma construção. Aprender uma LE representa um desafio.

Sendo assim, percebeu-se que mais do que visível, atualmente, é a presença, a influência e a adoção da LI como a língua dos negócios, da tecnologia, das propagandas, enfim, da comunicação mundial. Também é sabido que até mesmo os bebês nascem escutando sucessos americanos ou artistas estrangeiros que têm seus trabalhos propagados pelo mundo todo porque os lançam em inglês. A indústria cinematográfica mundialmente reconhecida é hollywoodiana. Além disso, os termos técnicos, especialmente relacionados a sistemas computacionais e internet, são em inglês. Até mesmo aqui no Brasil, para as Olimpíadas de 2016 que serão realizadas no Rio de Janeiro, já desde agora estão recrutando pessoas interessadas e mais de 800 professores de LI para atuarem na comunicação de caráter internacional.

Por essa praticidade e muitas outras vantagens é que esta dissertação visou discutir a LI como LV, presente e usada cada dia mais como LV e língua franca de todos os moradores do planeta.

Dessa forma, surgiram as questões de pesquisa:

- Quais as estratégias necessárias para tornar o ensino eficiente e eficaz da LI na questão de leitura, e mostrar a sua importância tanto em sala de aula quanto na vida profissional do aluno-cidadão?

- Quais as implicações que o uso da LI está tendo na vida dos alunos
- Qual a profundidade de compreensão da LI como LV por parte dos alunos?
- Por que é necessário trabalhar interpretação de textos em LI?
- Quais as dificuldades no que tange à questão do ensino LI em um âmbito escolar?

Os dados foram produzidos, prioritariamente, através de observações em sala de aula, questionários objetivos, filmagem, transcrição e edição através do Movie Maker. Os dados brutos foram previamente analisados, tabulados e editados. Em seguida, foram problematizados através de uma fundamentação teórica. As aulas ocorreram às quartas-feiras, das 7 horas e 30 minutos às 11 horas e 45 minutos, e cada aula contemplavam a retomada do conteúdo aplicado na aula anterior (para que o aluno relembresse a matéria estudada), aspectos gramaticais, confronto da LE com a Língua Materna, enunciados interativos, como saudações, profissões, idade, aspecto cultural (pluralidade cultural) e outros. Um dos pontos mais importantes foi a compreensão do texto, ou seja, partíamos do texto como base para trabalhar atividades que contemplassem a interação oral e escrita, com ênfase em questões culturais, sociais e linguísticas. Nas atividades, segui os procedimentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Na pré-leitura, fiz um levantamento de hipóteses, lançando perguntas que se relacionavam ao texto verbal com o não verbal, ou palavras que sugeriam alguma ideia, ou mesmo por palavras-chave, fazendo a exploração do título e dos aspectos gerais do texto.

Em seguida, procedíamos à leitura, pela qual se procurava depreender o sentido global do texto por meio de estratégias como a identificação de palavras transparentes e diferentes, levantamento dos falsos cognatos. Após a leitura e a exploração do texto, partíamos para a pós-leitura, propiciando a discussão do texto, fazendo com que os alunos exprimissem suas opiniões acerca do tema lançado. Após essa etapa, apresentava aos alunos exercícios de produção textual, referente ao assunto estudado e a utilização das estruturas gramaticais apresentadas, com o acréscimo de opiniões e impressões pessoais dos alunos.

Nessas aulas, procurei trabalhar de forma interativa e lúdica. Assim sendo, ao final de cada aula, desenvolvia uma dinâmica de grupo que privilegiasse a interação oral e ou escrita referente ao conteúdo linguístico, cultural ou gramatical da aula estudada. Acredito que esta é uma forma de interagir com os alunos e fazê-los refletir sobre a aula e o material linguístico apresentado.

Uma outra prática em minhas aulas foi a apresentação de expressões idiomáticas- palavras ou frases que o “uso” consagrou, expressões sem um sentido literal. Esse procedimento chamou a atenção dos alunos que se mostraram interessados em conhecer expressões utilizadas em outras culturas.

A seguir, serão apresentados os pressupostos teóricos norteadores do trabalho e logo após a análise da produção de dados empíricos da pesquisa de intervenção realizada na turma com o uso de tarefas comunicativas. Seguem-se as observações à guisa de conclusão da análise empreendida sob a perspectiva da abordagem microgenética em alguns episódios.

Góes (2000) destaca a importância dessa metodologia de análise, vinculada à psicologia histórico-cultural vigotskiana, estendida aos estudos educativos. As conclusões da pesquisadora, em artigo que discute o paradigma indiciário e a análise microgenética, apontam que:

A caracterização mais interessante da análise microgenética está numa forma de conhecer que é orientada para minúcias, detalhes e ocorrências residuais, como indícios, pistas, signos de aspectos relevantes de um processo em curso; que elege episódios típicos ou atípicos (não apenas situações prototípicas) que permitem interpretar o fenômeno de interesse; que é centrada na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos; e que se guia por uma visão inicial e interpretativo-conjetural (GÓES, 2000, p. 21).

Góes (2000, p.9) complementa:

Na investigação sobre a constituição de sujeitos, em especial no que concerne a processos que se instanciam nos contextos educativos, os campos da educação e da psicologia vêm recorrendo a uma abordagem metodológica referida como “análise microgenética”. De um modo geral, trata-se de uma forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos, sendo o exame orientado para o funcionamento dos sujeitos focais, as relações intersubjetivas e as condições sociais da situação, resultando num relato minucioso dos acontecimentos.

Assim, no capítulo 1, são abordados os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa e apresentados alguns conceitos relacionados à abordagem comunicativa. O capítulo dedica-se, ainda, aos princípios abordados, definições, procedimentos e apresentação de alguns estudos, diferentes formas de estruturação da técnica e razões para a sua utilização.

No capítulo 2, apresenta-se a metodologia utilizada - do contexto, dos participantes, dos procedimentos e instrumentos empregados para a produção de dados empíricos. Nesse mesmo capítulo ainda é realizada a apresentação e a discussão dos dados por meio da análise das fases de preparação e execução das

atividades desenvolvidas e, através dos relatos fornecidos pelos alunos. Apresentam-se, à luz das teorias propostas, os pontos positivos e negativos do uso dessa técnica na referida turma.

Finalmente, nas considerações finais, são apresentados pontos específicos acerca dos resultados obtidos nesse estudo e comentários sobre a importância da realização de pesquisas com o foco na abordagem histórico-cultural no contexto de sala de aula.

CAPÍTULO I

O SIGNIFICADO DA INTERAÇÃO SOCIAL E DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM UM CONTEXTO ESCOLAR

1.1 Aprendizagem de uma Língua Estrangeira: percurso histórico-cultural

Nesta fase inicial, irei relacionar os elementos chaves dos conceitos, enfatizando a discussão deles a partir da teoria histórico-cultural de Vygotsky. Este autor buscou compreender as características especificamente humanas através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie. Considera o trabalho e as criações decorrentes deste exercício coletivo como sendo o processo básico que vai marcar o homem como espécie diferenciada. Essas criações constituem a cultura, cuja transmissão e ressignificação, de geração em geração, torna o desenvolvimento humano de natureza cultural, isto é, não mais dependente da evolução natural.

A Teoria Histórico-Cultural tem como objetivo principal “caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo” (Vygotsky, 1998, p.25).

Segundo Vygotsky, a abordagem da cultura e sua articulação, no conjunto das categorias por ele usadas, podem ser percebidas pelo menos em duas dimensões — a cultura no social (histórico) e a cultura na aprendizagem. Em ambos os casos, a ressignificação da cultura envolve a mediação. Segundo Vygotsky, o sujeito humano é constituído por aquilo que herda biologicamente e pela experiência individual. Mas sua vida, seu trabalho, seu comportamento o constituem claramente pela experiência histórica e social, isto é, aquilo que não foi vivenciado pessoalmente pelo sujeito, mas está na experiência dos outros e nas conquistas acumuladas pelas gerações que o precederam (OLIVEIRA, 2005, p. 11)

Ao analisar o conceito de cultura na obra de Vygotsky, Pino (2005) considera que o autor, quando concebe o desenvolvimento psicológico como sendo de origem cultural, está querendo dizer que as funções psíquicas superiores são de origem social. Pino busca entender o conceito de cultura na obra de Vygotsky.

Não se encontra nos trabalhos de Vygotsky uma discussão do conceito de cultura, muito menos uma definição propriamente dita. Vygotsky introduz especificamente a questão da cultura quando discute o problema do

desenvolvimento da criança, principalmente em textos de 1929 e 1931. Ao analisar os trabalhos dos psicólogos do seu tempo, Vygotsky chega à conclusão de que o que faltava a eles era entender a natureza do desenvolvimento das formas superiores de conduta, objeto de sua pesquisa. Mas que natureza é essa? Ao que ele responde: o desenvolvimento é de natureza cultural. Cabe então perguntar: o que é para ele a cultura? Mais do que uma definição, ele dá um lacônico posicionamento: “cultura é, simultaneamente, o produto da vida social e da atividade social dos homens”(PINO, 2005: 18). O signo é reversível, ele sempre significa algo para quem recebe e também para quem emite. O signo opera na consciência e une autor e espectador em uma só pessoa. Como exemplo disso, podemos citar a interlocução: aquele que dirige a palavra ao outro também sofre os efeitos da sua própria fala. A significação é o que conecta a condição humana ao social, ou seja, que faz o homem passar do plano da biologia para o plano da cultura.

Segundo Vygotsky, para a criança se apropriar da escrita como função cultural complexa, é preciso que se desprenda do seu aspecto sonoro. De acordo com o autor, a leitura silenciosa é importante para a criança se desprender do aspecto sonoro da escrita e passar a usá-la como linguagem. A leitura silenciosa permite maior compreensão da escrita porque tem um ritmo mais adequado. A vocalização atrasa e dificulta a atenção e a compreensão. Portanto, isso vale também para o aprendizado da LE. Para Vygotsky, a compreensão não se reduz à reprodução figurativa do objeto e nem ao nome que corresponde à palavra fônica. A compreensão da leitura supõe um manejo dos signos. Para compreender, é preciso estabelecer relações entre os diversos signos e deslocar a atenção dos signos isolados para fixá-la mais no todo.

Vygotsky (1993) diferencia, no desenvolvimento da linguagem, os conhecimentos espontâneos dos conhecimentos científicos. Ambos se desenvolvem de modo diferente. Os conhecimentos espontâneos são generalizações simples, enquanto os conhecimentos científicos são generalizações complexas. As generalizações mais simples são aquelas que têm conexão direta com o objeto que representam. Para Vygotsky (1993), como o desenvolvimento dos conhecimentos científicos requer ensino sistematizado, a escola é um lugar privilegiado para sua aprendizagem. Quem passou pelo ensino escolar e teve acesso aos conhecimentos científicos estabelece maior número de relações e coordena melhor as palavras do que quem tem experiências limitadas.

Em qualquer situação, o que o professor não deve esquecer é que ele é um construtor de andaimes que criam condições para que os alunos internalizem o novo saber. É preciso, portanto, trabalhar na alfabetização, sempre com elementos verbais plenos de significados para a criança e em meio a atividades significativas com a leitura e a escrita. Como refere Vygotsky, a internalização de um saber qualquer é um processo ativo que emerge de formas de vida coletiva, de interação entre o aprendiz, seus pares e membros mais experientes de sua comunidade.

No momento em que Vygotsky diz que o desenvolvimento é de natureza cultural, ele sustenta que a essência do desenvolvimento está “na colisão das formas Culturais (em maiúscula toda vez que aparecer como o definidor do humano) maduras de conduta com as formas primitivas que caracterizam a conduta da criança”, o que pode ser interpretado como colisão entre a “ordem da natureza”, onde a criança nasce, e a “ordem da Cultura”, onde ela deve ascender (PINO, 2005a, p.18).

Conforme Vygotsky, o desenvolvimento das funções psíquicas humanas, que caracterizam o pensamento tipicamente humano, e as origens dessas funções devem ser buscadas nas relações sociais entre o indivíduo e os outros homens, pois são necessárias para sermos assim distinguidos dos outros animais, evidenciando novamente a importância das relações sociais na construção dos processos psicológicos.

O princípio geral enunciado por Vygotsky (1997, p. 106), o da origem social das funções mentais superiores ou culturais, é que a história do ser humano implica um novo nascimento, o cultural, uma vez que o biológico não dá conta da emergência dessas funções definidoras do humano (PINO, 2005a, p.47).

Através da inter-relação das interações sociais e dos diferentes tipos de leituras, percebe-se que é de suma importância e necessidade um aprimoramento para a conscientização sobre a importância da questão da leitura em LI como LV, à luz dos aspectos cognitivo-sociais e pragmáticos. Nesse sentido, é indispensável a reflexão e o aprimoramento do fazer pedagógico dos educadores em relação à sensibilização do aluno produtor e interpretador de significados. Portanto, a leitura deve fazer parte da construção do conhecimento, pois, quando os alunos são inseridos nas práticas discursivas e interagem com as mesmas, há a possibilidade destes serem sujeitos, escritores e criadores de cultura.

No processo de aprendizagem de uma LE, no caso aqui da LI, faz-se necessário desenvolver, de forma concomitante, as quatro habilidades da linguagem. Porém, no caso específico desta pesquisa, dar-se-á relevância ao **incentivo à leitura** (reading) como forma complementar na facilitação da aprendizagem em geral e na formação integral do aluno. A leitura, por si só, é uma prática dinâmica, que proporciona a assimilação de uma grande quantidade de informação verbal, o processamento semântico e conceitual desta informação, assim como a sua organização intelectual na articulação com informações interiores arquivadas na memória.

A história da leitura confirma que não basta passar pelo nível de alfabetização para que se forme o leitor. Para tanto, vê-se que as escolas tomam como parâmetro, quase sempre, um modelo de leitura alicerçado no mecanismo do pronunciar bem as palavras, do respeito à pontuação e do reconhecimento de parágrafos, o que é insuficiente e de caráter secundário.

No entanto, deve-se ressaltar que o processo de leitura em LI dar-se-á com mais eficácia se os educadores fizerem uso de certas estratégias de leitura que auxiliem os educandos no processo de compreensão. Sendo assim, a perspectiva é de que os envolvidos possam ser bem sucedidos em seus trabalhos de pesquisa, tanto em sua vida escolar, quanto social ou profissional.

Como a LI domina a comunicação entre pessoas e nações de diferentes culturas, é relevante preparar os professores para trabalharem como educadores reais, visando à educação integral do aluno.

Para Vygotsky, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturais organizadas e especificamente humanas. O processo biológico é um desenvolvimento constituído de mudanças e ganhos. Neste sentido, Pino afirma que:

Pela lógica da evolução biológica, segundo a qual o processo evolutivo se apresenta em termos de ganhos cumulativos das espécies mais recentes em relação, às mais antigas, o bebê humano deveria ser mais “esperto” que as crias das espécies precedentes, não ao contrário. A explicação desse aparente paradoxo parece residir, justamente, naquilo que constituía vantagem evolutiva de homo sapiens: suas “funções superiores”, de natureza cultural, particularmente a fala. (PINO, 2005a, p.44)

Vygotsky (1993, p.244-245) acerca da aprendizagem escolar diz:

Quando observamos o curso do desenvolvimento da criança durante a idade escolar e no curso de sua instrução, vemos que na realidade qualquer matéria exige da criança mais do que esta pode dar nesse momento, isto é, que esta realiza na escola uma atividade que lhe obriga a superar-se. Isto se refere sempre à instrução escolar sadia. Começa-se a ensinar a criança a escrever quando, todavia não possui todas as funções que asseguram a linguagem escrita. Precisamente por isso, o ensino da linguagem escrita provoca e implica o desenvolvimento dessas funções. Esta situação real se produz sempre que a instrução é fecunda. (...) Ensinar a uma criança aquilo que é incapaz de aprender é tão inútil como ensinar-lhe a fazer o que é capaz de realizar por si mesma.

Portanto, devemos falar a respeito dos principais métodos e abordagens de ensino de Línguas Estrangeiras como o avanço nos estudos da fonética e a ascensão da linguística ao status de ciência, na passagem entre os séculos XIX e XX; mais recentemente os estudos sobre o desenvolvimento da competência comunicativa e da linguística pós-estruturalista que forneceram a base teórica da abordagem comunicativa. Entende-se, aqui, abordagem comunicativa como um método que preconiza que o aluno deve aprender a se comunicar na LE através de um processo de interação com outros alunos e com o professor.

Nesse sentido, é importante trazer à reflexão alguns questionamentos como: Será que muitos avanços não se restringem, ao ambiente dos cursos livres de idiomas, a que tem acesso apenas uma pequena parcela privilegiada da população? Será que a realidade do ensino de LE, dentro da escola formal, está à frente do ensino de LM? Assim, quando foram iniciados estudos sobre a leitura e a escrita, o letramento (palavra traduzida do inglês literacy, por Mary Kato, para o português na década de 1980) designava as habilidades de ler e escrever de um ponto de vista muito mais dos processos psicológicos que subsidiavam os atos de ler e escrever do que de processos linguísticos. Mas, na década de 1980, alguns sociolinguistas, cientes da importância comunicativa da leitura e da escrita, da variação de função e uso nas diversas comunidades e dos diferentes níveis de dificuldade em seu aprendizado, ampliaram o significado do conceito de letramento, passando a utilizá-lo para indicar as funções e usos sociais da leitura e da escrita.

Além disso, quando a leitura e a escrita são trabalhadas a partir de uma perspectiva do letramento, tem-se em vista um processo de ensino e aprendizagem que busca as questões culturais, as situações sociocomunicativas variadas e a necessidade de interação entre o conhecimento trazido por cada aluno e o conhecimento novo apresentado na instituição escolar, a qual é um dos lugares em

que aprendemos a ler o mundo. Os processos de leitura e escrita se desenvolvem e resultam dessa interação.

Sob este paradigma, o conhecimento passa a ser entendido como a sua transmissão nos contextos sociais pelas interações e relações que estabelecemos com as pessoas que nos cercam. Essas interações, muitas vezes, definem como vamos aprender que instrumentos utilizaremos para alcançar nossos objetivos. Para entendermos a relação entre os usos sociais e funções da escrita e as práticas do cotidiano, devemos lembrar o conceito de cultura.

Assim, pode-se dizer que existem dois tipos de ferramentas para transformarmos a natureza, a cultura e nós mesmos: ferramentas que transformam os materiais e aquelas que nos auxiliam a transformar o simbólico. Nesse sentido, é fundamental se ter em mente que ensinar não é a mesma coisa que aprender. Eles são processos diferentes, primeiro porque é feito para o outro, e segundo porque é realizado internamente, sem que se possam categorizar diretamente os processos pelos quais se dá. Vygotsky ainda complementa que:

O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência. (VYGOTSKY, 1998 p. 190)

Portanto, o problema da leitura em LI circunda na falta de articulação entre o ato de falar a palavra e o ato de escrevê-la, através de um conteúdo descoberto e compartilhado, com a possibilidade da interpretação dos signos. Ou seja, faltam estratégias de leitura adequadas a LI. Portanto, a LI sob a concepção da abordagem histórico-cultural é ou não uma LV.

Nunes (1997), com base em textos com ideias de teóricos de LE de diferentes épocas, faz uma retrospectiva histórica do papel do professor no ensino de leitura em LE. Ela lembra que, atualmente, os trabalhos sobre leitura em LE mostram-na como resultante de procedimentos sociointeracionais, pressuposto segundo o qual o significado é construído pelos participantes do discurso; o leitor o constrói e reconstrói por meio da interação com o texto, de pistas fornecidas pelo aluno e de seu conhecimento de mundo. Dessa forma, ocorre a coparticipação dos atores em sala de aula, e o professor é um mediador que facilita a leitura.

Considerando a dificuldade de acesso à LI falada, pois somente uma parcela da população terá a chance de utilizá-la como meio de comunicação oral dentro ou fora do país, para o aluno, a única habilidade de LE que é justificada socialmente em nosso país é a da leitura (literatura técnica, acadêmica e de lazer; exames de proficiência, etc.).

Celani (1997, p. 159) reitera que:

Os objetivos realistas devem decorrer, necessariamente, da função social da língua estrangeira em relação aos alunos em questão, do papel da língua estrangeira na construção da cidadania, do papel da língua estrangeira como parte integrante da formação global do indivíduo.

Além disso, existem questionamentos como: “por que os alunos devem aprender uma língua (seja ela estrangeira ou materna) na escola?”; Queremos que os alunos aprendam regras gramáticas para passar em vestibulares ou para que eles se apropriem de recursos que alarguem sua capacidade de participação social?

Tudo isso nos remete a respeitar as variações linguísticas, pois somente assim evitaremos a exclusão e aproveitaremos, adequadamente, a pluralidade cultural em prol da aprendizagem e da construção de um sujeito crítico. Além disso, é sabido que a LE pressupõe a pluralidade e, como destacam os PCN (1998), é imprescindível que se retome o fato de que através dos processos de colonização, as línguas colonizadoras acabaram tornando-se língua oficial de muitos países ou até mesmo a Língua Materna.

Tendo em vista essa importância do processo interacional de uma LE é que se pode dizer que o ensino comunicativo, que não se limita apenas a habilidades orais, é um dos mais benéficos ao processo de ensino e aprendizagem. Nele, os significados são negociados, e oportuniza-se a prática da contextualização da língua em questão. O estudo de uma LE amplia a consciência do funcionamento da própria Língua Materna. Desempenha uma função interdisciplinar no currículo e promove uma apreciação de outras culturas, fazendo com que os alunos aceitem as diferenças.

Segundo Mosquera (1987, p. 23-31),

[...] cabe lembrar que a aprendizagem de uma língua estrangeira não é um processo natural, mesmo que a pessoa esteja imersa na cultura (imigrantes, por exemplo). Isto nos revela que quando já se possui uma língua mãe, já se tem um sistema linguístico que se adquiriu ao mesmo tempo em que se

fazia a descoberta do mundo, em ligação com o desenvolvimento cognitivo nas suas várias dimensões [...].

Portanto, é dessa forma que acontece a verdadeira construção de sentidos tanto na LM quanto na LE. Além disso, Bakhtin (1997, p. 279) afirma que:

[...] a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Assim, as práticas de letramento, nessa concepção, transpõem as paredes da sala de aula e perpassam as diferentes esferas de circulação da escrita e da linguagem.

Segundo Bakhtin (apud ROJO, 2000, p. 20-21):

[...] todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana.

Além disso, o ensino da LI desempenha um papel em que a aprendizagem de LE “não é só um exercício intelectual de aprendizagem de formas estruturais [...], é sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (BRASIL, 1998, p. 38).

Desse modo, ocorre o desenvolvimento real dos alunos dentro das possibilidades e necessidades de aprendizagem, contemplando o desenvolvimento potencial citado por Vygotsky (1989) no que se refere às Zonas Potenciais de Desenvolvimento.

De acordo com Vygotsky (1984, p. 112), a Zona de Desenvolvimento Proximal refere-se à:

Distância ente o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

O papel do professor é de primordial importância nesse processo de aprendizagem, e ele funciona como um mediador. Assim, segundo o conceito de Zona Proximal desenvolvido por Vygotsky, tudo que o aluno é capaz de fazer com monitoração em determinado momento representa o que ele conseguirá fazer sozinho no próximo estágio de seu desenvolvimento.

Além disso, Orlandi (2003) e Brandão (2002) ressaltam que é através da ação que o ser humano tem acesso ao mundo físico-social, e vice-versa, pois através da atividade social é que esse mundo se transforma em significado, em conhecimento e linguagem.

Nesse sentido, cabe lembrar que a linguagem é:

[...] ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de Interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. (PCN, 1998, p. 20).

Vygotsky (1989) fala que “[...] as estruturas da língua assimiladas pela criança transformam-se nos alicerces de seu pensamento. [...] A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira com que esta pessoa percebe o universo”. Para Vygotsky (1989), um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma, a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

No caso de aprendizado de línguas, a autenticidade do ambiente e o grau de afinidade entre seus integrantes são elementos essenciais para que o aprendiz sinta-se parte desse ambiente, características que dificilmente predominam em salas de aula convencionais. Além disso, a LE deve ser entendida como um instrumento mediador, o qual se significa nas interações sociais das relações professor-aluno, pois as próprias palavras são mediadoras.

Vygotsky (1989) complementa afirmando que o aluno, de posse da língua como instrumento, desenvolveria o que é chamado de “pensamento verbal” -

atividade mental que, ao tornar-se consciente ou deliberada no planejamento de ações voltadas à solução de uma tarefa cognitiva qualquer, necessita de uma linguagem de apoio. Vygotsky (1989, p. 36) enfatiza que o “pensamento verbal”, em contraposição à fala, não é inato e sim determinado sócio historicamente. Tudo isso é confirmado pela lei 9.394/96 da LDB que dá um impulso ao ensino de LE através da sua obrigatoriedade, no currículo de todas as escolas.

1.2 Mediação e evolução em questão

Estamos vivendo um momento crucial para a esfera educacional, pois, paradigmas até então vistos como ideias consagradas ou até mesmo tradicionais não sobrevivem à nova era globalizada. A mediação tornou-se indissociável da ação pedagógica e, ainda mais no que se refere a uma LE. Assim, o *outro social* pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo. Como efeito dessa mudança, houve um giro, no que diz respeito à metodologia de ensino, ligado também à própria evolução dessas práticas. Por isso, se antes as línguas eram instrumentos que permitiam o acesso aos bens culturais, agora, como componente curricular obrigatório e como uma língua universal, a LI, por meio da sua funcionalidade, utilidade e inquestionavelmente de comunicação, torna-se uma LV, ou seja, submetemo-nos ao regime dos sentidos da história, o foco passa a estar na LV, aqui, a LI. Essa perspectiva fundamenta-se principalmente na relação comunicacional, pois a LI é uma língua que está em todo lugar, que tem a ver com a ação, as trocas comerciais, entre outras.

Inicialmente é difícil aceitar, mas encontram-se registros de uma mesa redonda dedicada à discussão do ensino de línguas na rede pública de São Paulo em um encontro de professores, no qual Bacalarski (1996, p. 37) já dizia que:

Aprender inglês tem sido às vezes considerado como um mal necessário, e, principalmente alguns anos atrás, antes do advento dos computadores, discutia-se inclusive a possibilidade de eliminá-lo da escola pública, ou de pelo menos reduzir sua importância, por um (vão) medo do que se intitulava vagamente o “imperialismo norte-americano”.

Aqui, há uma nítida constatação que se pode estabelecer entre a expansão da LI e o avanço tecnológico que se espalha, impregnado de fragmentos dessa

língua. De fato, nas últimas décadas, a LI multiplica o seu poder de difundir-se por ser vinculada a essa era global em que vivemos e sobrevivemos. Além disso, é possível afirmar que essa evolução veio carregada da LI.

Nesse sentido é que a LI se tornou veicular, pois passou a ser um idioma cujo ensino e aprendizagem tornaram-se necessários e imprescindíveis, estabelecendo relações de força e de centros de poder globais e não mais apenas norte-americano. Sob essa perspectiva, através da mediação e da consideração do outro social apresentado por Vygotsky (1989), a LI não sofre com os efeitos do vazio, com a fragmentação ou estagnação do seu ensino. Isso nos mostra a urgência da revisão da ação pedagógica atual, a qual implica a relação do pensamento e linguagem sobre situações do cotidiano das pessoas.

Nessa perspectiva de construção da relação do pensamento e da linguagem, com base em Vygotsky (1989), considera-se a interação como fator primordial para que o processo de ensino e aprendizagem de uma LE aconteça. Sem esquecer também que o aluno é visto como um ser social, e que, para haver comunicação não basta conhecer a língua, o sistema linguístico, mas saber servir-se dessa comunicação em cada diferente contexto social neste mundo globalizado. Segundo Venturi (2007, p. 3), “o importante agora não é mais o que os estudantes sabem sobre o sistema linguístico, mas o que eles podem fazer com essa linguagem do mundo real”.

Assim, propiciar o processo interativo no ensino e aprendizagem de uma LE é seguir as concepções de Bakhtin (1997) e Vygotsky (1989) sobre a construção de sentido, formação de conceitos, percepção das estruturas linguísticas e da própria aquisição da linguagem. Portanto, o que se aprende na interação é o modo de ser em sua comunidade sob uma perspectiva cultural do mundo.

No processo essencialmente interacional de lidar com a LE, o professor exerce sua função de mediador entre a língua que se está ensinando e seus alunos que passam a adquirir o uso e compreender a relevância cultural de uma LE. Carneiro (2001, p. 79) complementa que “as línguas são o algoritmo da comunicação entre os povos. Mas, mais do que isso, são, sobretudo, o instrumento de acesso ao coração das outras culturas e à empatia intercultural.”

Portanto, a aula de LE constitui-se um espaço de interação cultural, onde, segundo Vygotsky (1984), a língua torna-se resultado e meio de enculturação. Sendo assim, a LE e, neste caso a LI, torna-se LV pela necessidade de ensinar e

aprender um saber cultural. Segundo Vez (2002), também um saber-fazer cultural e um saber-ser cultural, pois a aquisição de uma língua compreende fatores inatos (processos mentais) e contribuições do ambiente.

Além disso, na perspectiva de Vygotsky (1989) a língua é entendida como parte de um contexto sociocultural e não como código, pois a aquisição se dá pela construção de sentido em atividades colaborativas. Ele ainda enfatiza que é a partir e por meio da interação com o outro, mediada pela linguagem, que o homem se transforma, passando de ser biológico a ser sócio-histórico (cultural). Pode-se inferir que, em se tratando de LE, em pessoa constituída em nova cultura seria impossível, em muitos aspectos, sem essa língua.

Além dessa nova formação cultural, isso se torna mais importante para tomar consciência das próprias estruturas e construções da Língua Materna. Vygotsky (1998) compara o processo de aprendizagem de uma LE à aquisição dos conceitos científicos, já que a aprendizagem formal (em sala de aula) de uma segunda língua acontece de modo consciente e deliberado, enquanto na Língua Materna o aprendizado das formas primitivas se desenvolve antes das mais complexas, e a criança faz uso da língua inconscientemente. Na LE, a criança domina as formas complexas antes do uso fluente da língua. Assim, o domínio das regras gramaticais consciente ocorre desde o início de sua aprendizagem.

Para o autor, o ensino adequado e real é aquele que está direcionado às funções psicológicas superiores que ainda estão por se completar. Ele ainda complementa que mediação não é um conceito, é um processo; não é um ato em que alguma coisa se interpõe em uma relação: é a própria relação.

Sendo assim, é inevitável que educadores da LI percebam e discutam a relevância de uma abordagem de sala de aula de acordo com a perspectiva sócio-histórica. Sob este paradigma, o aluno é um ser ativo no processo de aprendizagem, em que o “outro” exerce papel fundamental em sua interação com o universo que o cerca, proporcionando assim um processo de socioconstrução de conhecimento, no qual seja entendido e levado em conta o momento sócio-histórico e cultural em que este mesmo processo de ensino e aprendizagem da língua esteja ocorrendo.

Sob esse viés, a educação estaria centrada no aluno e em seu processo pedagógico e teria uma visão sócio-histórica de sala de aula privilegiando a interação, a importância que o outro possui no processo de socioconstrução de conhecimento. Portanto, a LI passaria a ser considerada veicular, pois a questão

atual reside não somente no fato de ensinar ou não uma LE na escola, mas, principalmente, no como ensiná-la. A língua passa a ser vista como processo e não como produto final.

A LI já era importante pelo multiculturalismo que ela representa, mas, pelos caminhos trilhados pelas sociedades contemporâneas, pelo fenômeno da globalização, pela ampliação dos meios de comunicação, parece existir um favorecimento da revitalização do ensino de Línguas Estrangeiras pelas necessidades sociais evidenciadas na denominada sociedade do conhecimento.

Para Vygotsky (1989), os significados são mediadores simbólicos entre o sujeito e o objeto do conhecimento, reconhecendo-se, assim, o caráter social da linguagem. Desse modo, com a LI trabalhada com pressupostos histórico-culturais, por meio da consideração da língua como veicular, estaríamos fornecendo instrumentos mediadores ideais para a formação de sujeitos tanto no âmbito psicológico quanto social, ou seja, eleva a competência comunicativa dos educandos fornecendo-lhes recursos para a sua socialização.

Segundo Vygotsky (1989), os processos de internalização são imprescindíveis para o desenvolvimento do aluno. A internalização implica transformação, que vai do plano exterior para o interior, do social para o individual mediado pelo signo (linguagem) e pelo outro, na apropriação da linguagem e das práticas sociais. O processo de internalização é desenvolvimento intelectual do social para o individual. Após este processo, o aluno exterioriza o aprendido para o mundo. Vygotsky (1989) considera a participação do “outro” como mediador, como facilitador do desenvolvimento das funções mentais superiores. Ele observou que o auxílio do adulto pode levar a criança a resolver questões mais complexas do que as que resolveria sozinha, assim, estabelecendo a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD), que é a interação pedagógica de um indivíduo mais desenvolvido com um menos desenvolvido, permitindo que este vá mais além. A participação do “outro” no ensino e aprendizagem proporciona oportunidades de reflexão e internalização.

Sobre o ensino e aprendizagem, Vygotsky et al (1988, p. 92) afirmam que “de acordo com Thorndike, teóricos em psicologia e educação acreditam que toda aquisição de uma resposta em particular aumenta diretamente e em igual medida a capacidade global”, o que poderíamos relacionar com o ensino e aprendizagem de LE no que diz respeito ao desenvolvimento global do aluno. Além disso, ao mencionar a aquisição de conceitos científicos, Vygotsky (1989, p. 137) afirma que a

aprendizagem de “uma língua estrangeira facilita o domínio das formas mais elevadas da língua materna”.

Nesse sentido, uma LE constitui uma unidade cultural. Segundo Geraldi (1998 p. 35), “saber a língua seria uma chave com que abrir o caminho de acesso a outros conhecimentos”, por isso mesmo a língua é necessária para nossa compreensão do mundo.

Segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais para Línguas Estrangeiras do Estado do Paraná (2005, p. 155):

Ao ensinar uma Língua Estrangeira Moderna, não se ensina simplesmente um código linguístico transparente e neutro, dissociado dos processos de construção de identidades, dos contextos envolvidos na interação. Ensina-se a perceber possibilidades de construção de significados, a elaborar procedimentos interpretativos e a construir sentidos *do* e *no* mundo.

Sendo assim, pode-se considerar a língua como um instrumento complexo que viabiliza a comunicação e a vida em sociedade. Sem ela, o ser humano não é social, nem cultural.

1.3 Os PCN e o professor de Língua Estrangeira

A teoria sociocultural (Vygotsky, 1987, 1996) é muito citada no sistema educacional brasileiro, podendo ser inclusive observada nos Parâmetros Curriculares de LE através do sociointeracionismo. O lançamento dos PCN em 1998 tinha como intuito propor uma base curricular única para todo o território nacional, com procedimentos práticos a serem aplicados em sala de aula e uma base teórica na qual o trabalho do professor deveria estar ancorado - no caso da LE, o sociointeracionismo.

Pensar na prática docente e nas suas inter-relações é também pensar em documentos oficiais que regem esta prática. Portanto, todos os profissionais da educação devem ter conhecimento sobre o seu componente curricular em consonância com os PCN. Assim, a relação do professor com o educando fixa-se na vigilância epistemológica, no movimento do “saber novo e do saber velho”, para dar uma maior proximidade didática aos objetos de saber inerentes a LI, ou seja, tornar o processo de implantação do currículo escolar mais real, o saber ensinado em saber aprendido, tornar o objeto ensinável ou, como muitos chamam problematizar o

ensino. É nesse momento que surge mais uma indagação: como um professor que não tem essa “proximidade cultural” pode viabilizar o saber ensinável em saber aprendido?

Para respaldar acertadamente esse conjunto, vale lembrar alguns dos pilares básicos da educação contemporânea, citados pelos PCN (1998).

O primeiro pilar reforça a asserção de **aprender a conhecer**, ou seja, buscar e consolidar meios para obter conhecimento; o segundo **aprender a viver** em sociedade, isto é, criar embates discursivos através de uma confrontação positiva das diferentes percepções de conhecimento; o terceiro, **aprender a ser**, pois aprender uma língua significa aprender conhecimento e sua praticidade e o quarto, **aprender a conviver**, que nada mais é do que enfrentar as incertezas, ou seja, é a arte de viver.

Segundo o PRC do RS (1998, p. 40), os professores devem levar em consideração alguns elementos básicos em seu planejamento e plano de trabalho para que a inter-relação das habilidades linguísticas de seus alunos com as suas atividades a eles propostas sejam realizadas de uma forma enriquecedora, estimuladora, atraente. São elas:

- esclarecer os objetivos da atividade e situá-los dentro de um objetivo mais amplo;
- discutir e esclarecer as tarefas propostas;
- justificar a escolha da atividade;
- negociar o interesse, o tema e o suporte da tarefa;
- solicitar sugestões quanto ao número de participantes, tempo de duração, escolha de redator, divisão de tarefas e avaliação para cada atividade;
- socializar correções individuais e coletivas;
- incentivar o uso de materiais de apoio: dicionários, gramática, mapas, enciclopédias e outros;
- Incentivar a busca de variadas amostragens linguísticas na escola e fora dela: música, filmes, canais de televisão estrangeiros, jornais, videogames, jornais, revistas, quadrinhos e livros em geral.

Nesse sentido, o profissional que não tem a formação inicial no referido componente curricular poderá ele ministrar suas aulas?

Parece que são apenas detalhes, mas, eles se somam e formam o conjunto. Além disso, conforme Coulon (apud GAUTHIER; MARTINEAU, 2001, p. 65), “a sala

de aula é como uma microssociedade onde cada um ajusta as suas crenças e os seus comportamentos em função dos outros”. O estudo de uma LE amplia a consciência do funcionamento da própria Língua Materna. Desempenha uma função interdisciplinar no currículo e promove uma apreciação de outras culturas, fazendo com que os alunos aceitem as diferenças.

Cruickshank (apud GAUTHIER; MARTINEAU, 2001, p. 69) ainda ressalta que: “[...] os professores competentes são pessoas conscientes e sensíveis em relação às particularidades dos grupos pertencentes a níveis socioeconômicos e a culturas diferentes; eles sabem adaptar-se a essas variáveis.”

Assim, conforme Coracini (1989, p. 62), o aprendizado da LE pode:

[...] agir sobre o objeto de ensino para capturar o seu sentido e o seu funcionamento, de modo a ser capaz de interagir com o outro, com a cultura do outro. Nessa perspectiva, ensinar uma língua estrangeira é criar condições para que essa interação ocorra nos diferentes níveis, possibilitando a todo o momento o confronto dos conceitos adquiridos com as novas situações linguísticas e culturais e, assim, o desenvolvimento da estrutura cognitiva do educando.

Portanto, nesse contexto, o aprendizado de línguas na sociedade atual é imprescindível e não privilégio de poucos, pois a LE está incluída no currículo do Ensino Fundamental e Médio. Porém, o que se percebe é que apenas esse ensino não é suficiente, pois não está elevando e muito menos habilitando os alunos, em sua maioria, para formação integral.

Esse fato remete à necessidade de o professor de línguas refletir sobre a formação de seus alunos, preconizando as competências que contemplem um ser transformador. Segundo Giroux (1997, p. 63), o professor do novo século desenvolveria:

[...] pedagogias contra hegemônicas que não apenas fortalecem os estudantes ao dar-lhes o conhecimento e habilidades sociais necessárias para poderem funcionar na sociedade mais ampla como agentes críticos, mas também educam-nos para a ação transformadora da sociedade.

Dentro dessa compreensão transformadora do papel de professor, haverá uma qualificação da aprendizagem de línguas. Desenvolver-se-ão as habilidades, as competências, a linguagem, os valores culturais e a subjetividade de cada aluno.

Brun (1996, p. 238) ainda registra que “o saber é um conhecimento que controla uma situação e suas transformações, elas próprias indutoras de conhecimentos.”

No caso da LE, a teoria condiz com a prática. Dominar o conteúdo e saber explicá-lo não se resume à habilidade, mas também à competência. Segundo Demo (1996, p. 13):

a grande maioria dos professores só ensina, seja porque não domina as sofisticadas técnicas da pesquisa, mas sobretudo porque admite a cisão como algo dado. Fez opção pelo ensino e passa a vida contando aos alunos o que aprendeu de outrem, imitando e reproduzindo subsidiariamente.

Facci (2004, p. 50) acrescenta que “prática pedagógica dos professores deve ter uma reorganização da teoria e da prática para sair do paradigma da racionalidade técnica e problematizar essa prática para que ela não se torne um discurso vazio”. O professor torna-se assim um gestor efetivo dessa prática sem desconsiderar, obviamente, a condição humana do ser professor em prol de processo de ensino e aprendizagem no contexto atual da educação.

O conhecimento da língua deve ser um princípio e não o fim. A busca por novos conhecimentos implica uma incógnita constante. Todos os envolvidos neste processo só tendem a ganhar com esta prática.

Assim sendo, de acordo com os PCN (1998, p. 2), a língua:

é um sistema de signos específicos, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprende-la é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas aprender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Portanto, como alguém que não tem essa formação poderá ensinar algo real, concreto ou ser um mediador no processo de ensino e aprendizagem de uma LE? E ainda, conforme os PCN (1998, p. 27), não se pode esquecer que “todo significado é dialógico, isto é, construído pelos participantes do discurso.”

Segundo Tardif (2002), o conhecimento é trabalhado eficientemente sob uma relação concreta, ou seja, tem de haver com o cotidiano alguma âncora de concretude, pois o saber é um processo universal e institucionalizado, e o conhecimento deve mobilizar as situações para que ocorram ações do sujeito-aprendiz.

Resumindo, poderíamos dizer que a educação como um todo é um dos ambientes da cultura em que a sociedade se reprocessa em uma operação sem fim, ressignificando conhecimentos, tecnologias, saberes e práticas, ou seja, os professores trabalham em territórios globais e culturais. Além disso, esses saberes são veículos para aprendizagem conceitual. Conforme Santos (2004), cada lugar é, a seu modo, o mundo. Todos os lugares são, portanto, virtualmente mundiais. Mas cada lugar, imerso numa comunhão com o mundo, se torna diferente dos demais. Sendo assim, pensamentos, experiências e valores expressos pela língua são indissociáveis. A língua tem o mesmo caráter dinâmico da cultura, pois ela também é um sistema aberto, o que possibilita uma grande variedade de usos, ou seja, um ato de linguagem nunca se repete, e cada interação tem uma nova unidade de informação.

1.4 Os gêneros textuais e o ensino da Língua Inglesa em um contexto tecnológico

Nas últimas duas décadas, a sociedade pós-moderna¹ está sofrendo várias mudanças culturais, sociais, históricas e econômicas vivenciadas pela era digital. Essa era se caracteriza por novas formas de apropriação do conhecimento e pelo uso das TIC (Tecnologias de Informação e de Comunicação). O emprego de novas ferramentas de informação e comunicação está estreitamente ligado a LI. A exposição analisa as características de um conjunto de gêneros textuais que estão emergindo no contexto da tecnologia digital. Nesse âmbito, a inserção do uso do computador, como novo recurso tecnológico no ambiente escolar, fez com que a LI se tornasse uma ferramenta de apropriação de conhecimentos indispensável. Nitidamente, pode ser percebido o caráter social da LI.

Segundo Belloni (1999, p. 5):

para sobreviver na sociedade e integrar-se ao mercado de trabalho do século XXI, o indivíduo precisa desenvolver uma série de capacidades novas: autogestão (capacidade de organizar seu próprio trabalho), resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade diante de novas

¹ Segundo Cavalcante (2007, p.1) "As características da pós-modernidade podem ser resumidas em alguns pontos: propensão a se deixar dominar pela imaginação das mídias eletrônicas; colonização do seu universo pelos mercados (econômico, político, cultural e social); celebração do consumo como expressão pessoal; pluralidade cultural; polarização social devido aos distanciamentos acrescidos pelos rendimentos".

tarefas, assumir responsabilidade e aprender por si próprio e constantemente trabalhar em grupo de modo cooperativo e pouco hierarquizado.

Santos (2002, p. 49) aponta que as principais mudanças são observadas no que tange à concepção do que se entende por ensino e aprendizagem:

a tecnologia informática não é o motor da transformação educacional, mas poderá ser impulsionadora de mudanças, a partir das reflexões que possa provocar. O aprendizado de um novo referencial exige mudanças de valores, concepções, ideias e atitudes. As mudanças que se fazem necessárias não dizem respeito apenas a metodologias diversificadas, ou ao uso de novos equipamentos, mas, especialmente, a novas atitudes diante do conhecimento e da aprendizagem, num permanente devir, capaz de orientar a prática e estabelecer novos valores de acordo com as exigências de uma época universalizada e sujeita a alterações.

Com o grande avanço cultural e industrial, as questões relativas à leitura também evoluíram. Pensar em “sociedade informatizada” não é mais uma utopia, mas, sim, uma realidade. O próprio ato de ler possibilita múltiplas significações, como decodificar a linguagem utilizada na área da informática.

O computador tornou-se um instrumento não apenas da elite, mas uma necessidade de todos também no mundo globalizado. Nesse sentido, o uso desses equipamentos torna-se uma outra forma de linguagem que guia ações e pensamentos. A informática por si só configura vários ambientes pedagógicos, como o uso da Internet. Essa configuração diferenciada proporciona o reconhecimento da LI nesse meio, o que revela a sua importância e até mesmo necessidade. Assim, o uso dessa tecnologia possibilita a subjetivação e a objetivação das formas de ação dos alunos.

É nesse momento que as ações linguísticas recaem sobre a realidade dos alunos, além de ampliar as competências linguísticas e discursivas. Assim, cabe citar as competências e as habilidades a serem desenvolvidas em LEM (Inglês), apontadas pelos PCN do Ensino Médio (1998). Quadro 1: Competências e habilidades

Representação e comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação e o vocábulo que melhor reflita a ideia que pretende comunicar. - utilizar os mecanismos de coerências e coesão na produção oral e/ou escrita. - utilizar estratégias verbais e não-verbais para compensar as
-----------------------------	---

	<p>falhas, favorecer a efetiva comunicação e alcançar o efeito pretendido em situações de produção e leitura.</p> <ul style="list-style-type: none"> - conhecer e usar as línguas estrangeiras modernas como instrumento de acesso a informações a outras culturas e grupos sociais.
Investigação e compreensão	<ul style="list-style-type: none"> - compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais. - analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionado textos/contextos mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).
Contextualização sociocultural	<ul style="list-style-type: none"> - saber distinguir as variantes linguísticas. - compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.

Fonte: PCN, 1998, p. 153

Integrar as habilidades de leitura, escrita, fala e escuta é imprescindível para elevar a capacidade dos alunos de estabelecerem relações e inferências. Desse modo, o aprendizado se dá com mais eficácia e rapidez. Segundo o Padrão Referencial de Currículo do Ensino Médio da LE Moderna da SEE RS (1998) são necessárias cinco perguntas para que realmente ocorra um ensino consistente. São elas: o que ensinar, para que ensinar, quando ensinar, como ensinar e o que, como e quando avaliar.

Conforme o Padrão Referencial do Currículo (1998) na competência comunicativa são trabalhadas concomitantemente: a) a competência linguística, b) a competência discursiva (capacidade de inter-relacionar ideias para atingir um pensamento coeso e coerente); c) a competência sociolinguística (o uso correto das formas gramaticais em diferentes contextos para expressar as funções comunicativas); e d) a competência estratégica (a qual proporciona a real interação e negociação dos sentidos com os textos).

Portanto, os intercâmbios verbais devem ser proporcionados como práticas complexas e não apenas no sentido de transmissão e correção. Segundo o Padrão Referencial de Currículo (1998), no caso da LE, para desenvolver as habilidades comunicativas (falar, ouvir, ler e escrever), devem existir estratégias de compreensão e de produção. Nesse sentido, pode-se citar um quadro referencial que norteia alguns conceitos e estratégias que realmente deveriam acontecer em sala de aula. Certamente, se isso ocorresse, o contexto do ensino da LI seria outro.

Nessa realidade de sociedade informatizada, deve-se pensar em produção e inclusão social, outro modo de leitura, outro modo de informação e construção do conhecimento. No caso da LI, por que não pensar como uma nova estratégia de leitura? Como educadores devemos criar novos modos de conhecer, de aprender e fomentar a diversidade da linguagem. Além disso, deve-se ampliar também o conceito de leitura, comunicação, promovendo trocas constantes entre sujeito e objeto. Com esse procedimento, a escola estaria reconhecendo a existência das interferências exteriores para nortear o seu plano político-pedagógico.

No processo mediado pelo computador, a tecnologia estimula a aprendizagem de coparticipação dos alunos, ou seja, há interação, negociação, construção de conhecimento. Em sala de aula, normalmente, ocorre o processo de estímulo-resposta-correção. Já, no contexto eletrônico, conforme Motta-Roth (2000, p. 67):

[...] há um rompimento na verticalidade dessa relação, na medida em que cada membro do grupo ocupa um lugar virtual e pode negociar sua participação de forma mais isonômica: colaborando e interagindo em pares ou em grupos através da língua estrangeira. O deslocamento do centro de atenção do professor para o grupo contribui para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico do aluno, já que o andamento da aula e a compreensão do conteúdo dependem da negociação do grupo sobre o rumo a ser tomado na interação e a compreensão conjunta da leitura.

A tecnologia propicia enriquecimento do padrão de interação dos alunos, e a competência comunicativa é amplamente estimulada. A negociação de sentidos possibilita um modo exploratório de usar a língua, conforme Motta-Roth (2000). Há um engajamento intenso e sequente.

Desse modo, haverá qualificação da aprendizagem de línguas. Desenvolver-se-ão as habilidades, as competências, a linguagem, os valores culturais e a subjetividade de cada aluno.

Quadro 2: Estratégias de compreensão

Orais	Escritas
(Interação face a face) Compreender textos orais, articulando elementos linguísticos a outros de natureza não linguística, através de: - interpretação de gestos e expressões; - reconhecimento de entonação; - seleção de informações relevantes;	(Interação com o texto escrito) Compreender o texto escrito pela seleção de procedimentos de leitura adequados, através de: - utilização de recursos gráficos que acompanham o texto; - Identificação da ideia principal do texto ou

<ul style="list-style-type: none"> - inferência do sentido de palavras - uso de conhecimentos prévios para ouvir; - Identificação de padrões linguísticos; - discriminação de sons; - reconhecimento de preenchedores de pausas; - identificação de formas de trocas de turnos ou tópicos. 	<p>dos parágrafos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - identificação do significado de uma palavra, através de contexto ou de fontes complementares (dicionários, enciclopédias, etc.); - Identificação de elementos linguísticos importantes no texto; - Identificação de padrões linguísticos; - reconhecimento da relação entre as partes do discurso; - formulação de hipóteses a respeito do conteúdo do texto; - construção de sínteses parciais; - articulação entre conhecimentos prévios e informações textuais.
--	---

Fonte: PCN, 1998.

Quadro 3: Estratégias de produção

Orais	Escritas
<p style="text-align: center;">(Interação face a face)</p> <p>Produzir textos orais, considerando as exigências da situação e dos objetivos estabelecidos, através de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - seleção adequada de recursos discursivos, semânticos, gramaticais, prosódicos e gestuais; - ajuste da fala à reação do interlocutor; - uso do conhecimento prévio na elaboração do discurso; - Utilização de padrões linguísticos; - utilização da troca de turno ou tópico; - uso do registro adequado ao interlocutor e à situação; - preparação, execução e avaliação de entrevistas; - apresentação oral de textos (literários ou não) com expressividade e correção; - apreciação crítica oral de mensagens divulgadas nos meios de comunicação (rádio e televisão) inferindo as intenções dos comunicadores. 	<p style="text-align: center;">(Interação com o texto escrito)</p> <p>Produzir textos escritos, adequados à finalidade, gênero e interlocutor, através de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mecanismos discursivos e linguísticos de coerência e coesão; - continuidade do tema e ordenação das partes; - léxico específico adequado às intenções comunicativas; - uso de: sintonímia e campos semânticos; - transferência de expressões ou regras da LM; - Utilização de registros linguísticos adequados; - emprego de recursos expressivos e/ou persuasivos; - uso de paráfrases, hipóteses, generalizações, definições, exemplificações e motivações.

Fonte: PCN, 1998.

Dessa forma, em se tratando de estratégias de compreensão e de produção vale lembrar o que Lopes (1995, p. 349) apresenta sobre o uso dessas estratégias na sala de aula como “um evento social no qual através de procedimentos interacionais, professor e alunos tentam construir significado e conhecimento.”

Sendo assim, a mediação, a interação, são fatores inerentes a uma sala de aula, na qual está presente o contexto tecnológico esteja presente. Não é uma abordagem da linguagem na Internet, nem uma análise de todos os gêneros emergidos no meio virtual. Vale destacar que apesar dos muitos trabalhos desenvolvidos a esse respeito, particularmente a questão dos gêneros continua pouco esclarecida.

Segundo Marcuschi (2002, p.15), já existem alguns gêneros que devem ser considerados por qualquer área do conhecimento, conforme o quadro 4:

GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES NA MÍDIA VIRTUAL SUAS CONTRAPARTES EM GÊNEROS PRÉ-EXISTENTES

	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal // bilhete // correio
2	<i>Bate-papo virtual em aberto</i>	Conversações (em grupos abertos?)
3.	<i>Bate papo virtual reservado</i>	Conversações duais (casuais)
4	<i>Bate-papo ICQ (agendado)</i>	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Bate-papo virtual em salas privadas</i>	Conversações (fechadas?)
6	<i>Entrevista com convidado</i>	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>Aula virtual</i>	Aulas presenciais
8	<i>Bate-papo educacional</i>	(Aula participativa e interativa???)
9	<i>Videoconferência</i>	Reunião de grupo/ conferência / debate
10	<i>Lista de discussão</i>	Circulares/ séries de circulares (???)
11	<i>Endereço eletrônico</i>	Endereço postal

Marcuschi (2002, p.15)

Marcuschi (2002, p. 18) ainda apresenta alguns parâmetros para identificar tais gêneros, conforme o quadro 5:

PARÂMETROS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS GÊNEROS NO MEIO VIRTUAL

DIMENSÃO	ASPECTO	GÊNEROS EM AMBIENTE VIRTUAL										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Relação temporal	Síncrona	-	+	+	+	+	+	-	+	+	-	0
	Assíncrona	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	0
Duração	Indefinida	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-	0
	Rápida	?	0	+	-	-	-	-	-	-	?	0
	Limitada	+	-	-	-	-	+	+	+	+	+	0

Extensão do texto	Indefinida	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	0
	Longa	-	-	-	+	-	0	+	-	+	-	0
	Curta	+	+	+	-	+	0	-	+	-	+	+
Formato textual	Turnos encadeados	-	+	+	+	+	+	-	+	+	-	-
	Texto corrido	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	0
	Sequências soltas	?	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Estrutura fixa	+	-	-	-	-	-	+	-	+	+	+
Participantes	Dois	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-
	Múltiplos	+	+	-	+	-	+	+	+	-	+	0
	Grupo fechado	+	-	-	+	-	-	+	+	+	+	0
Relação dos participantes	Conhecidos	+	-	0	+	0	-	+	+	+	+	0
	Anônimos	-	+	0	-	0	+	-	-	-	-	0
	Hierarquizados	?	-	-	-	-	-	+	+	+	-	0
Troca de Falantes	Alternada	-	+	+	+	+	+	-	+	0	-	0
	Inexistente	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	0
Função	Interpessoal	+	+	+	+	+	-	-	+	-	+	+
	Lúdica	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-
	Institucional	-	-	-	+	-	-	+	+	+	+	+
	Educacional	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	0
Tema	Livre	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	0
	Combinado	+	-	-	0	-	-	+	+	+	+	0
	Inexistente	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+
Estilo	Monitorado	0	-	-	-	-	-	+	0	+	+	0
	Informal	0	+	+	+	+	+	+	+	-	-	0
	Fragmentário	-	+	+	+	+	+	-	-	-	-	0
Canal/Semioses	Puro texto escrito	+	+	+	+	+	+	+	+	0	+	+
	Texto oral & escrito	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-
	Texto com imagem	0	+	+	+	+	+	+	-	+	-	-
	Com paralinguagem	0	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-
Recuperação de mensagem	Gravação automática	+	-	-	+	-	-	+	+	0	+	+
	Voláteis	-	+	+	+	+	-	-	+	+	-	-

Marcuschi (2002, p. 18)

Legenda 1: Sinais para marcação dos traços: + (presença); - (ausência); 0 (irrelevância do traço para definição do gênero); ? (indefinição quanto à presença e relevância).

Legenda 2: Para os gêneros listados: (1) e-mails; (2) bate-papo virtual aberto; (3) bate-papo virtual reservado; (4) bate-papo ICQ (agendado); (5) bate-papo virtual em salas privadas; (6) entrevista com convidado; (7) aulas virtuais por e-mails; (8) bate-papo educacional; (9) videoconferência interativa; (10) listas de discussão; (11) endereço eletrônico.

Portanto, é relevante pensar o uso das tecnologias e suas consequências numa perspectiva menos tecnicista e mais sócio-histórica, como foram trabalhadas as aulas em questão. Edgar MORIN (2001, p. 25) afirma que “trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade”.

Além disso, houve uma mudança de paradigma no ensino de LE e surgiu o que se conhece como Abordagem Comunicativa, que, na verdade, não é um método em si, mas um conjunto de pressupostos teóricos que orientam o ensino de LE. Coloca-se a questão do que é a linguagem e a comunicação, e a partir daí repensa-

se o ensino. O potencial funcional e comunicativo da linguagem torna-se o centro de discussão.

Nunan apud Brown (1994) lista cinco características da *abordagem comunicativa*:

- uma ênfase no aprender a comunicar-se através da interação com a língua-alvo;
- a introdução de textos autênticos na situação de aprendizagem;
- a provisão de oportunidades para os alunos, não somente na linguagem, mas também no processo de sua aprendizagem;
- uma intensificação das próprias experiências pessoais do aluno como elementos importantes na contribuição para aprendizagem em sala de aula; e
- uma tentativa de ligar aprendizagem da linguagem em sala de aula com a ativação da linguagem fora da sala de aula.

Acredito que, como abordagem, no que tange aos pressupostos, ela oferece visões coerentes e boas oportunidades de aprendizagem real da língua, e que tudo isso seja resultado da grande abertura política e econômica ocasionada pelo processo de globalização, a qual foi favorecida largamente pelos avanços tecnológicos, além do acesso à internet que permite a interação entre as pessoas das mais longínquas terras. E a língua eleita para intermediar essas relações é a LI. Nessa direção, aprender a LI na atual conjuntura, longe de ser um simples símbolo de status, (como podemos observar nos dizeres dos alunos no anexo D), caracteriza uma nova realidade social.

E é precisamente nesse contexto que a LI vem assumindo o papel de uma língua global, ou seja, LV.

CAPÍTULO II

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados os dados empíricos coletados através da observação e intervenção direta em sala de aula bem como a análise e interpretação desses dados e episódios.

2.1 Apresentação e análise dos dados

Inicialmente foi aplicado um questionário como objeto de sondagem da realidade sociocultural dos educandos a fim de construir um plano de aula que contemplasse as competências e habilidades necessárias para o engajamento discursivo dos mesmos no processo de ensino e aprendizagem da LI com LV.

2.1.1 Questionário inicial

O questionário analisado (constante no anexo C) foi aplicado à turma da 1ª etapa do curso técnico em Gerenciamento de Sistemas de Informação, sendo que a faixa etária de seus alunos varia entre 15 a 25 anos.

A primeira parte trata dos interesses pessoais, os quais serviram como uma espécie de sondagem da realidade sociocultural na qual os alunos estão inseridos.

Em relação à preferência de leitura dos alunos percebeu-se que a maioria prefere os gêneros textuais existentes em revistas, conforme comprova o gráfico a seguir. Isso também demonstrou que os alunos gostam mais de informações que contemplem assuntos diversificados e atuais.

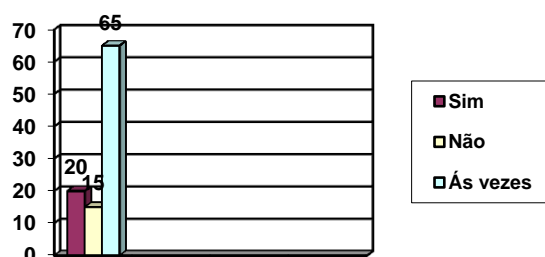
Gráfico 1: Gêneros textuais



Fonte: Autoria própria

No que se refere ao tempo destinado ao estudo em casa, foi constatado que a maioria só estuda quando necessário, como pode ser visto no gráfico abaixo. Tal constatação é coerente com o perfil dos adolescentes do século XXI, para quem a necessidade condiz com a vontade, com o aprender para que.

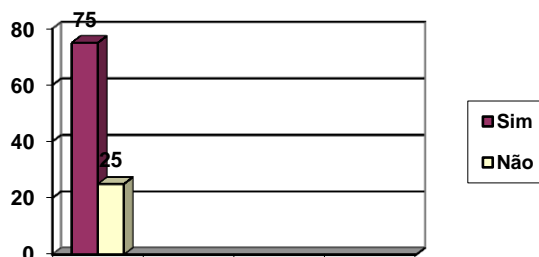
Gráfico 2: Tempo de estudo



Fonte: Autoria própria

Além disso, quando os alunos foram questionados sobre a existência ou não de um lugar apropriado para o estudo, constatou-se que a maioria possui um lugar específico para tal, demonstrando assim que o conhecimento escolar também é importante na sua constituição como seres socialmente ativos.

Gráfico 3: Lugar para estudo

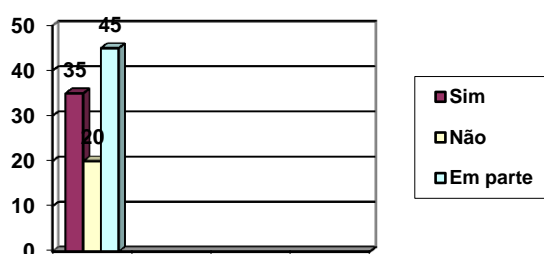


Fonte: Autoria própria

Para uma análise mais subjetiva dos alunos, foram feitos questionamentos referentes ao seu perfil de estudante dentro de uma instituição escolar. Assim, percebeu-se que a maioria tem uma conduta disciplinar adequada, mas no que tange a processos pedagógicos inerentes à sala de aula, alguns demonstraram que estudam somente mediante processos avaliativos.

Alguns dados referentes à questão 2.4 encontram-se nos dois gráficos seguintes, os quais respondem a perguntas, tais como: Você, como aluno, estuda só para as provas? Verificou-se assim o comprometimento do aluno com a instituição escolar.

Gráfico 4: Estudo



Fonte: Autoria própria

Esse gráfico revela que os alunos têm comprometimento com a instituição escolar, a qual é responsável por trabalhar com os conceitos científicos. Isto também se confirma nas respostas à pergunta: Você, como aluno, é pontual na entrega de trabalhos?, exibidas no gráfico 5.

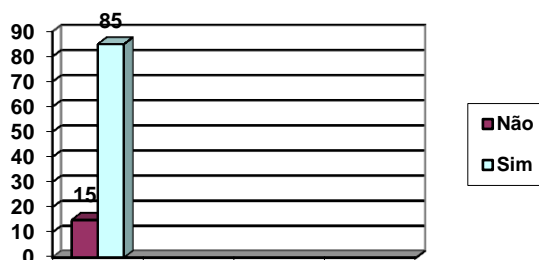
Gráfico 5: Pontualidade



Fonte: Autoria própria

Além disso, quanto ao gosto pela LI, verificou-se que a maioria a aprecia, confirmando a relevância social dessa língua.

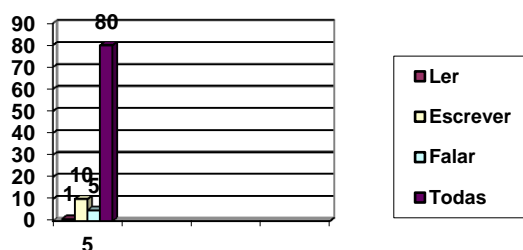
Gráfico 6: Motivação



Fonte: Autoria própria

Outra questão importante sobre a LI é a discussão sobre o trabalho com as quatro habilidades a serem desenvolvidas pelos e nos estudantes. Constatou-se que a maioria sabe da importância de serem trabalhadas todas as habilidades concomitantemente.

Gráfico 7: Habilidades



Fonte: Autoria própria

Quanto ao âmbito de sala de aula, foi questionado sobre os tipos de trabalhos realizados e percebeu-se que a maioria gosta de trabalhos das mais variadas formas (anexo C).

Sobre o processo de aprendizagem em consonância às habilidades pertencentes ao ensino da LI, ficou comprovado que o uso de diferentes gêneros textuais, por meio de diferentes sequências didáticas, é muito importante. Os alunos demonstraram que a mescla de procedimentos metodológicos acaba por motivá-los.

Sobre a utilidade e a importância de saber a LI, a grande maioria reconheceu que a LI é uma língua considerada como essencial para a comunicação, além da sua inevitável presença nos mais variados mercados de trabalho.

2.1.2 Episódios de sala de aula

A escolha de episódios ocorreu através da progressão simétrica das aulas bem como na seleção de momentos significativos, que através da abordagem microgenética, contemplasse indícios para a constatação das hipóteses de pesquisa além de possíveis caminhos e/ou respostas para a questão da LI como LV.

A investigação sobre episódios destacados em aula inclui a professora-pesquisadora e a turma de alunos da 1ª etapa do Curso de Gerenciamento de Sistemas de Informação. As aulas foram conduzidas durante o segundo semestre letivo do ano 2008, e o material coletado compõe-se de gravações em vídeo das aulas do período, com seleção dos dados a partir de análise inicial. Os resultados apontam que nas aulas de LI o objeto da atividade é o inglês, contemplado em uma visão enunciativa. É constituído para se tornar *ferramenta-para-resultado*, utilizado para expandir a compreensão dos alunos sobre a própria língua. É *instrumento-e-resultado* quando interpretado, contestado e expandido durante os debates entre professora e alunos. Nas aulas, o inglês é o objeto quando se refere a novo vocabulário, conteúdo gramatical ou gêneros de textos que possam fazer parte da atividade. É ferramenta-para-resultado quando é utilizado sem uma reflexão maior ou sem grandes questionamentos por parte dos alunos a respeito dos conceitos relativos à área. O inglês é ferramenta-e-resultado nas aulas em momentos nos quais existem questões para expandir e fazer correlações entre conceitos, e a língua assume um papel para além de sua estrutura, servindo para constituir o próprio objeto da LI. A discussão dos resultados aponta que, nessa perspectiva, a linguagem expande a si mesma e ao conteúdo da área na disciplina.

Vale destacar que um dos aspectos relevantes para que a tarefa de ensino tenha sucesso é que o uso e/ou a forma da língua em foco estejam contextualizados. Somente sabendo para que serve determinada expressão ou estrutura linguística, em que situação utilizá-la e praticada, é que os alunos poderão atribuir sentido ao que está sendo exposto. Com esse objetivo, desenvolvemos atividades preparatórias (ativação do vocabulário, apresentação prévia do assunto, perguntas anteriores à interação), discussão prévia sobre aspectos culturais e sobre os temas a serem analisados. Buscou-se com isso mostrar aos alunos que, mesmo com um conhecimento linguístico limitado, utilizando-se estratégias de leitura e compreensão, tais como a identificação da ideia central, inferência de significados das palavras no contexto, trabalho com as pistas fornecidas, entre outras, é possível compreender o texto.

Através de um primeiro contato, tentei identificar temas do interesse dos alunos e, feito isso, trabalhei assuntos relacionados à LI do cotidiano e, mais especificamente na área da informática. Foi possível constatar que o trabalho com temas sugeridos pelos próprios alunos proporcionou um ambiente agradável e descontraído para a prática.

Durante a pesquisa, percebi que num primeiro momento as perguntas feitas por mim serviram como um instrumento mediador externo; a seguir, meu pensar em voz alta substituiu algumas das minhas perguntas na mediação e finalmente, meu silêncio durante a resolução dos problemas na leitura indicam que os alunos desenvolveram mecanismos para cumprirem as tarefas sozinhos, internalizando o processo.

Pretendeu-se promover a reflexão crítica dos alunos participantes da pesquisa no tocante a questões de cunho multiculturalista, a fim de entender a vida social contemporânea como uma trama cultural resultante de uma operação de práticas discursivas indissociáveis da LI.

Nesta análise, denominei Aluno 1 de “A1”, Aluno 2 de “A2”, e assim sucessivamente, da mesma forma Professor 1. Durante as aulas e mesmo na análise destas, verifiquei alguns exemplos de interferência nos níveis cultural e gramatical/estrutural durante o ensino e a aprendizagem de LE.

Através das atividades propostas na sala de aula, foi possível verificar que por meio do contato com parceiros mais capacitados ou mais treinados, o indivíduo pode tornar-se independente na realização de tarefas, conquistando, dessa maneira, a autonomia. Tal constatação evidencia a importância do conceito Vygotskyano de Zona de Desenvolvimento Proximal, fundamental no que se refere à questão da interação social do desenvolvimento das funções psicológicas, ou seja, o desenvolvimento individual ocorre através do contato social, e esse contato com o outro é fundamental para o desenvolvimento psicológico individual.

Constatou-se que a organização dos alunos em pares promoveu uma maior interação entre eles, contribuindo para melhorar a compreensão textual. Os resultados sugerem também que, à medida que os alunos foram dominando o uso de ferramentas computacionais e a navegação hipertextual, suas compreensões textuais se tornaram mais efetivas.

No aspecto cultural, pode-se dizer que o aluno faz referências à sua cultura com a do país da língua-alvo. Em uma das aulas, quando trabalhei o texto: “Computers” os alunos fizeram as seguintes considerações:

Episódio 1

1.1- P: *Bem hoje nós vamos tratar sobre o assunto da Internet, o que tem a ver com a Língua Inglesa. Nós vimos já na aula passada o texto da Internet, onde que começou, porque que começou, e nós já ouvimos falar bastante sobre estrangeirismos, certo?*

1.2 Alunos: *Certo.*

1.3 P.: *O que que são estrangeirismos?*

1.4 Alunos *conversam entre si.*

1.5 P.: *Alguém sabe me dizer? Pausa O que vocês acham que são estrangeirismos?*

1.6 A1: *São os estrangeiros.*

1.7 A2: *Professora eu posso falar?*

1.8 P.: *Pode.*

1.9 A2: *Professora!É tipo assim: é palavras do cotidiano inglês que vem pro cotidiano brasileiro. Seria isso?*

Pude notar, nos episódios acima, que houve interferência do nível cultural na medida em que os alunos faziam referência a seus costumes, à sua cultura com a cultura do país da língua alvo, comprovando que o conhecimento prévio sobre o mundo cultural serve como suporte para o novo aprendizado, conforme pode ser verificado nas falas abaixo:

Episódio 2

2.1 P.: *E na área de informática ou no nosso dia a dia, existem bastante palavras na Língua Inglesa?*

2.2 A3: *Sim.*

2.3 P.: *Sim. E vocês acham que essas palavras, elas são necessárias para que? Principalmente.*

Silêncio.

2.4 P.: *Para que que vocês acham que a gente precisa da Língua Inglesa? Qual a importância dela?*

2.5 A4: *Pra tudo.*

2.6 P.: *Pra tudo tipo o que?*

2.7 A5: *Comunicação.*

2.8 P.: *Entendendo melhor a Internet. Aí nós vamos discutir algumas coisas, ver o que que vocês acham que é, pra nós entrarmos num consenso, tá?*

2.9 Alunos *escrevem.*

2.10 P.: *Então nós temos aqui, esse “simbolozinho” aqui oh!*

2.11 Professora *escreve no quadro e alunos visualizam para após anotar.*

2.12 P.: *Esse “simbolozinho” aqui @.*

2.13 A7: *Isso é uma arroba?*

2.14 P.: *Arroba! O que que é arroba? Espirro. Desculpa. O que que é arroba?*
Silêncio...

2.15 P.: *Arroba de boi? De peso? Pra que que serve?*

2.16 A8: *Pra diferenciar um nome de um site?*

2.17 P.: *Pra gente usar no nosso endereço de e-mail. Muito bem! Mas ela é uma palavra que tem origem na Língua Portuguesa ou na Língua Inglesa?*

2.18 Alunos: *Língua Inglesa.*

2.19 P.: *Ah! Na Língua Inglesa!? Mas vocês usam ela pra que? Pra informar o que?*

2.20 A8: *O e-mail.*

2.21 P.: *Pra informar o e-mail! Então é pra comunicação de vocês?*

2.22 Alunos: *Sim!*

2.23 P.: *Sim, mas vocês usam até sem se dar conta do que significa?*

2.24 Alunos: *Sim.*

O episódio 2 demonstra um exemplo claro de transferência da LM ao aprendizado da LE, no aspecto gramatical, feita por um aluno que associou a estrutura da LE à LM, pela semelhança da grafia dos termos, compreendendo que a semelhança funcionou como facilitador na aprendizagem da LE. O episódio (?) mostra pontos positivos da alternância de códigos, entretanto, em alguns casos, essa interferência pode participar de modo aparentemente negativo no aprendizado de LE, como o que pode ocorrer em função das diferenças de funcionamento das duas línguas. No exemplo a seguir, percebe-se a ocorrência desta primeira interferência em exemplos ocorridos das primeiras produções textuais dos alunos em LE, das quais colhi as seguintes informações:

Episódio 3

3.1 P.: *Então diz qual é o teu e-mail?*

3.2 A10: *Eu?*

3.3 P.: *É.*

3.4 A10: *É gabi.ju.rosa@hotmail.com.*

3.5 P.: *Então, ta significando que a Gabi está em tal provedor. Então vejam vocês usam, é uma palavra que tem origem inglesa, usam na comunicação como se fosse algo do contexto de vocês, né? Então anotem ao lado disso: símbolo usado (repete 1x), para separar (repete 1x), o nome do usuário (repete 1x), do provedor (repete 1x) de acesso.*

3.6 Alunos *copiando.*

3.7 P.: *Alguém já sabia disso?*

3.8 Alunos: *Não.*

3.9 P.: *Mas todo mundo usa?*

3.10 Alunos: *Sim*

Nesse episódio, verifica-se que a LI está direta ou indiretamente presente no cotidiano das pessoas. Ou seja, nos apropriamos de saberes não só culturais, mas também científicos pelo uso dessa língua. A LI impõe-se como requisito indispensável para a comunicação entre os seres sociais da sociedade atual, tornando-se, assim, uma LV.

Episódio 4

4.1 *A professora escreve no quadro chat.*

4.2 *Alunos pronunciam a palavra chat.*

4.3 P.: *“Chet” ou “chat”?*

4.4 Alunos: *“Chat”.*

4.5 P.: *Muito bem. Se vocês fossem falantes nativos do inglês, vocês teriam que falar “chet”. Mas vocês ouvem na televisão, na rádio, tudo que falam “chat”. Está certo ou está errado uma das formas?*

4.6 Alunos: *Certas.*

4.7 P.: *Estão certas as duas. O que que modifica pessoal?... Nessa pronúncia?... Se não está errada, está mostrando o que?... Que é diferente. Mesma coisa nós aqui no sul, falamos português e lá no nordeste tentam falar português, né, risos, falam português, né. Só que (repete 1x), aqui nós temos o sotaque nosso e lá eles tem o deles. Pra nós as vezes fica “ não entendível”, como nós pra eles também. Mas está errado?*

4.8 Alunos: *Não.*

4.9 P.: *Não! É diferente! Então a mesma coisa com a palavra “chet” ou “chat”. Não é certo, nem errado uma pronúncia ou outra, é diferente conforme a cultura, conforme a comunidade. E o que que é um chat?*

4.10 Alunos *falam entre si.*

4.11 P.: *Oi?*

Não entendível!

4.12 P.: *Repeat, please.*

4.13 A16: *Um centro de comunicação.*

4.14 P.: *Que mais?*

4.15 A17: *Uma sala de bate-papo.*

4.16 P.: *Isso mesmo! Então (risos) anotem ao lado: sala de bate-papo, o recurso mais utilizado na Internet. Vocês vejam, vocês achavam que o e-mail, ou uma pesquisa seria o recurso mais utilizado? ...Não. E quando vocês ouvem uma propaganda, por exemplo, na televisão, eles dizem entrem nessa sala de bate-papo ou eles dizem entrem nesse chat? Nesse Chat?*

4.17 Alunos: *Nesse chat.*

4.18 P.: *Isso. Então eles chama pela palavra em inglês, dificilmente pela de português. Por que?*

4.19 A18: *Pelo marketing.*

4.20 P.: *Pelo marketing e ...*

4.21 A18: *É a mais usada.*

4.22 P.: *É mais usada qual: chat ou bate-papo?*

4.23 Alunos: *Chat.*

4.24 P.: *Então, por ser mais usada na comunica...*

4.25 Alunos: *cação.*

A partir das falas presentes nesse episódio, fica evidente que a LM, a qual também vem carregada de saberes culturais, é um recurso que se interrelaciona com a LI pela comunicação.

Pode-se dizer então que a interferência da LM em LE pode ser prejudicial ao aprendizado? Num primeiro momento diria que sim. No entanto, a partir do momento em que o aluno passou pela interferência, refletiu sobre o “erro”, ele pode passar a usar essa experiência em favor do aprendizado da LE e também da LM. Nesse caso também é preciso que o professor trabalhe a oposição linguística dos vocábulos

semelhantes aos citados, para que o aluno consiga chegar às inferências positivas e ampliar seu vocabulário, seu conhecimento cultural, relacionando as duas línguas.

“Os ambientes computacionais de aprendizagem cooperativa podem ser vistos como formas de aplicação dos princípios de Vygotsky – ZDP, cooperação entre os pares, o par mais capaz” (Santos, 1999).

Santos (2002, p. 46) argumenta que:

o avanço e a disseminação das tecnologias da informação e da comunicação estão causando perplexidade e impacto nas formas de convivência social, alterando a organização do trabalho e estabelecendo novas considerações sobre o conceito de cidadania.

Dessa forma, percebe-se que as funções são mais enfatizadas do que as formas, ou seja, conforme Vygotsky (1984, p. 31) afirma “as funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-se dos animais. ”

Rego (1995, p. 41) ainda complementa *que* “ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo.”

De acordo com as concepções de Vygotsky (1995, p. 99), “o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através dos quais as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam”. Sendo assim, no episódio que segue, foi constatado que o papel da escola, como o lugar socialmente instituído para o acesso ao saber ou agência educativa, foi trabalhado pela professora, incidindo na ZDP dos alunos, pois ela atuou como mediadora na interação com os alunos com o objeto de conhecimento, como pode ser observado nas falas abaixo:

Episódio 5

5.1 P.: *Sim, surgiu pra ajudar, mas eu continuo com a minha pergunta, o que que é Internet.*

5.2 Alunos: *Risos.*

5.3 P.: *Uhn?*

5.4 A18: *Vão explicar acho que pra nós ainda.*

5.5 P.: *Ah, tá! Vão explicar ainda! Mas que quero ouvir de vocês! Já que vocês passam quase todo dia falando essa palavra vocês tem que saber o que estão falando, vocês não são papagaio...Risos... que falam, falam e repetem e não sabem o que que é...*

Risos.

5.6 P: *Ou são?*

Alunos pensam.

5.7 P.: *O que que é Internet pra você Alana? O que que é o teu entendimento de Internet?*

5.8 A21: *Sei lá... é a rede do mundo inteiro.*

5.9 P.: *Pra ti, o que que é Internet?*

Risos.

5.10 A22: *É, hum, sei lá, uma coisa assim que surgiu pra ajudar na nossa vida.*

5.11 P.: *É o nome da grande rede mundial!*

Surpresa de alguns.

5.12 P.: *Se ela foi criada, ela tem que ter um*

Alunos: Nome.

5.13 P: *Nome. Então Internet é o nome. Então anotem lá: nome da grande rede mundial. Se eu fosse traduzir Inter e net, aí sim seria rede interligada, mas na verdade é o nome da grande rede mundial, tá. Agora outra coisinha que vocês já viram e já sabem.*

Antunes (2002, p.17) reforça a ideia de que “a escola existe para que na mesma as pessoas se socializem”. Madeira(1999) comunga desse entendimento, pois concebe a escola como “agente de socialização responsável pela formação de cidadãos que sejam capazes de responder aos diversos desafios que a sociedade coloca aos jovens hoje” e apoia-se, para tanto, na definição concebida por Berger (1980) para quem “o processo de socialização é entendido como aquele por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade, tratando-se da imposição de valores e padrões sociais à conduta individual”. Assim, a escola como ambiente configurado historicamente como lugar de aprendizagem, segundo Madeira “a escola enquanto instituição possui uma dimensão macrossocial, pois está inserida numa comunidade e tece relações sociais com o seu meio envolvente possuindo, ao mesmo tempo, uma dimensão microssocial no centro do qual se colocam os seus

atores e a rede de interações que se tecem entre si” (MADEIRA - 1999). Assim, neste estudo, constatou-se que a professora, através de um clima de relacionamento afetivo, com tomadas de decisão em conjunto, relaciona o conhecimento prévio com o novo, reestrutura a linguagem, usa diferentes habilidades operatórias, cria a ZDP para ajustar o caminho a ser trilhado em busca da autonomia e da resposta para o problema apresentado.

No que tange à LI como LV, sob um olhar que procura entender a gênese, a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos, numa abordagem microgenética, a qual se refere ao desenvolvimento de aspectos específicos do repertório psicológico dos alunos, as falas abaixo demonstram que os alunos reconhecem o papel da LI como veicular, mesmo sem se dar conta disso.

Episódio 6

6.1 P.: Para que que vocês acham que a gente precisa da Língua Inglesa? Qual a importância dela?

6.2 A4: Pra tudo.

6.3 P.: Pra tudo tipo o que?

6.4 A5: Comunicação.

6.5 P.: Comunicação. Muito bem! Vocês já sabem que a Língua Inglesa é a língua universal. Bom. Mas vocês acham por que que eu falei pra vocês na primeira aula que a gente precisa do inglês técnico para informática. Mas vocês acham que vocês vão precisar desse inglês só para profissão de vocês ou para outra coisa além da profissão de vocês?

6.6 Alunos: Pra outra coisa além.

6.7 P.: Pra outra coisa além! Então vamos pensar no exemplo: se vocês estão formados e são técnicos de informática. Vocês vão estar prestando assistência, certo?

6.8 Alunos: Sim.

Portanto, conforme Vygotsky (1995, p.102-103) afirma:

a aquisição da linguagem pode ser um paradigma para o problema da relação entre aprendizado e desenvolvimento. A linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. [...] o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

O aprendizado ocorreu através das experiências com eventos e objetos concretos, houve um compromisso afetivo. Nessa outra fala, percebe-se um vínculo aos conceitos cognitivos existentes, em que a linguagem foi tomada como elemento constituinte dos sujeitos, houve relação entre a linguagem e o pensamento pela intervenção pedagógica.

Episódio 7

7.1 P.: *Raramente, mas é difícil. É difícil. Bom, mas o que que é Internet?*

7.2 Alunos pensam.

7.3 P.: *Já que vocês falam tanto, vocês tem que saber o que que é!*

7.4 A19: *É uma rede interligada.*

7.5 P.: *É uma rede interligada?! Sim, mas ah ,por que que eu não digo: eu vou acessar a rede interligada?*

7.6 Alunos: *Risos. É mais fácil usar Internet.*

7.7 P : *É mais fácil usar Internet?!*

7.8 Alunos: *Sim, por que a gente é acostumado a dizer.*

7.9 P.: *Mas por que? Se Internet é em inglês e não em português que é a minha língua?*

7.10 A17: *Porque é uma linguagem comunicativa.*

7.11 P.: *É uma linguagem comunicativa?! Se eu falar Internet aqui no Brasil e lá nos Estados Unidos, eu vou ser entendida?*

7.12 Alunos: *Sim.*

7.13 P.: *Sim. Se eu falar no Japão?*

7.14 Alunos: *Sim.*

7.15 P.: *Então é uma linguagem (repete 1x), que serve pra gente se comunicar em qualquer...*

7.16 Alunos: *Lugar.*

7.17 P.: *Qualquer lugar, em qualquer situa...*

7.18 Alunos: *çãõ.*

7.19 P.: *Sim, mas e aí, o que que é Internet?*

Alunos: *Risos.*

Alunos pensam.

7.20 P.: *Da onde surgiu?*

Alunos pensam.

7.21 P.: *Por que que surgiu?*

7.22 A16: *Pra ajudar as pessoas, acho.*

7.23 P.: *Vocês usam e não sabem o que que é?*

7.24 A16: *Ela surgiu pra ajudar, é.*

Por meio da análise das falas, constatou-se que houve a inserção do aluno no ambiente cultural determinado, o que é essencial para sua própria constituição como pessoa num mundo cultural específico.

Segundo a hipótese de Krashen (apud ANTUNES, 2002, p. 93),

para que a linguagem se desenvolva é necessário e suficiente que o estudante esteja imerso em atividades de compreensão, tanto orais quanto escritas. trata-se de fazer este estudante atribuir significados ao material linguístico que lhe é oferecido.

Sob esse paradigma, a sala de aula é entendida como um lugar de investimentos sociais, no qual a interação social é capaz de constituir por processos internos, ou seja, promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos. As mudanças ocorreram, mas não na medida das necessidades, e, sobretudo, das possibilidades.

Nas falas a seguir fica claro que os alunos agem em função de suas escolhas, as quais supõem a coordenação dos pontos de vista para gerar em si próprios a necessidade de aprender. Assim, há o desenvolvimento do exercício do saber, do poder e do querer no contexto das experiências de seu cotidiano e dos contextos genéticos e socioculturais que as possibilitam.

Episódio 8

8.1 P.: *Sim, mas e aí, o que que é Internet?*

8.2 Alunos: *Risos.*

Alunos pensam.

8.3 P.: *Da onde surgiu?*

Alunos pensam.

8.4 P: *Por que que surgiu?*

8.5 A16: *Pra ajudar as pessoas, acho.*

8.6 P.: *Vocês usam e não sabem o que que é?*

8.7 A16: *Ela surgiu pra ajudar, é.*

8.8 P.: *Sim, surgiu pra ajudar mas eu continuo com a minha pergunta, o que que é Internet.*

Alunos: Risos.

8.9 Pf.: *Uhn?*

8.10 A18: *Vão explicar acho que pra nós ainda.*

8.11 P.: *Ah, tá! Vão explicar ainda! Mas que quero ouvir de vocês! Já que vocês passam quase todo dia falando essa palavra vocês tem que saber o que estão falando, vocês não são papagaio...Risos... que falam, falam e repetem e não sabem o que que é...*

Risos.

8.12 P.: *Ou são?*

Alunos pensam.

8.13 P.: *O que que é Internet pra você Alana? O que que é o teu entendimento de Internet?*

8.14 A21: *Sei lá... é a rede do mundo inteiro.*

8.15 P.: *Pra ti, o que que é Internet?*

Risos.

8.16 A22: *É, hum, sei lá, uma coisa assim que surgiu pra ajudar na nossa vida.*

8.17 P.: *É o nome da grande rede mundial!*

Surpresa de alguns.

8.18 P.: *Se ela foi criada, ela tem que ter um*

8.19 Alunos: *Nome.*

8.20 P.: *Nome. Então Internet é o nome. Então anotem lá: nome da grande rede mundial. Se eu fosse traduzir Inter e net, aí sim seria rede interligada, mas na verdade é o nome da grande rede mundial, tá. Agora outra coisinha que vocês já viram e já sabem.*

A circularidade da língua e produção de linguagem demonstrada aqui nada mais é que produzir discursos. Tomam-se como base as concepções bakhtinianas de gêneros discursivos. Além disso, conforme VYGOTSKY (1989, p.93) “no processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os meios e os procedimentos de seu comportamento, transformando as atitudes e funções naturais e constrói novos níveis no sistema de comportamento do homem”.

Nesse sentido, segundo Rojo (2000), os movimentos da linguagem e seu papel no ensino e no aprendizado de língua tornam-se importantíssimos na questão dos gêneros discursivos, pois estão implicadas as condições de produção, de circulação e de recepção. A autora ainda acrescenta que “[...] o gênero discursivo diz respeito às coerções estabelecidas entre diferentes atividades humanas e os usos da língua nessas atividades, ou seja, as coerções das práticas discursivas.” (p. 18).

Portanto, a consideração destes fatores faz com que os alunos utilizem outras habilidades comunicativas, além de ler de modo a poder atuar em situações diversas. As práticas de letramento, nesta concepção, transpõem as paredes da sala de aula e perpassam as diferentes esferas de circulação da escrita e da linguagem.

Nesse paradigma de sociedade informatizada², deve-se pensar em produção e inclusão social, outro modo de leitura, outro modo de informação e construção do conhecimento. Além disso, deve-se ampliar também o conceito de leitura, comunicação, promovendo trocas constantes entre sujeito e objeto. Com esse procedimento, a escola estaria reconhecendo a existência das interferências exteriores para nortear corretamente o seu plano político-pedagógico.

Constatei que o professor de línguas deve refletir sobre a formação de seus alunos, preconizando as competências que contemplem um ser transformador. No processo mediado pelo computador, a tecnologia acaba por estimular a aprendizagem de coparticipação dos alunos, ou seja, há uma interação, negociação que geram uma construção de conhecimento. No entanto, em sala de aula ainda ocorre o processo de estímulo-resposta-correção.

A tecnologia propicia enriquecimento do padrão de interação dos alunos cuja a competência comunicativa é amplamente estimulada. A negociação de sentidos possibilita um modo exploratório de usar a língua, conforme Motta-Roth (2000). Há um engajamento intensivo e sequente.

Desse modo, haverá uma qualificação da aprendizagem de línguas. Desenvolver-se-ão as habilidades, as competências, a linguagem, os valores culturais e a subjetividade de cada aluno.

Neste sentido, as habilidades da escrita, da fala e da compreensão oral serão aprofundadas a fim de que, refletindo a língua como prática social, o aluno possa

² Entenda-se aqui, sociedade informatizada como sendo aquela que não pode mais realizar suas atividades operacionais e econômicas sem o uso de alguma ferramenta tecnológica.

alcançar sua proficiência linguística, produzindo e interpretando discursos orais e escritos.

2.2 Discussão dos dados

Para Vygotsky (1984, p.74), “o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo”.

Minha primeira impressão foi a de que a prática desenvolvida na escola, a partir de uma visão de leitura calcada na noção de gênero, vinha ao encontro do que diferentes autores estavam defendendo em suas discussões teóricas.

Segundo Góes (2000, p. 13) a:

necessidade de examinar a dimensão histórica e alerta para o fato de que privilegiar a história não é estudar eventos passados, mas sim o curso de transformação que engloba o presente, as condições passadas e aquilo que o presente tem de projeção do futuro. Inclui nessas diretrizes a importância de se identificar relações dinâmico-causais, devendo o investigador buscar distinguir a aparência e os processos da dinâmica subjacente. A expressão dinâmico-causal corresponde também à ideia de que causa e efeito não são entidades de posição imutável. A causa pode transformar-se em efeito e este em causa, dinamicamente.

Para Góes (2000, p.14-15) a abordagem microgenética é:

uma espécie de “estudo longitudinal de curto prazo” e uma forma de identificar transições genéticas, ou seja, a transformação nas ações dos sujeitos e a passagem do funcionamento intersubjetivo para o intra-subjetivo. Portanto, desse ponto de vista, é destacado o exame de processos interativos e de pistas de internalização.

A partir desses pressupostos metodológicos é que se fez necessário, para a discussão dos dados empíricos, lembrar que as funções culturais (ou funções superiores) surgem a partir da progressiva inserção da criança nas práticas sociais do seu meio cultural, nas quais, pela mediação do Outro, vai adquirindo a forma humana. Tais funções culturais inscrevem-se na história social dos homens e são o resultado de uma conversão das funções das relações sociais ocorridas na esfera pública em função dessas mesmas relações, agora na esfera privada. No entanto, o que é objeto de transposição de um plano para outro, a significação, não é de natureza física, mas semiótica.

Esta análise teve como objetivo entender as possibilidades e os limites da transmissão da psicologia histórico-cultural para os alunos pelo uso da LI como LV.

Para isso, foi preciso investigar quais são as contribuições da psicologia histórico-cultural para o uso da LI como LV e transformam em exercícios as categorias desta teoria. Enfatizo que não foi objetivo investigar se os episódios analisados apropriaram-se ou não da teoria de Vygotsky acerca do desenvolvimento dos conceitos científicos. Esta análise foi necessária, mas com o objetivo de entender se pode uma aula de LI, em contexto escolar, realizar uma proposta de reconhecimento da LI como veicular a partir da teoria de Vygotsky sobre o desenvolvimento da abordagem comunicativa. A análise dos episódios feita pretendeu ser crítica, e não neutra, pois estava comprometida em avaliar o rigor com o qual uma teoria é apropriada por este instrumento.

A análise inicial dos dados coletados apontou para as seguintes conclusões:

- A pesquisa desenvolvida até então sugeriu que, se oficialmente o programa de leitura da escola confere ao gênero de discurso um papel fundamental, na prática essa importância fica comprovada, à medida que há reflexões mais profundas sobre o contexto de produção e o propósito comunicativo do texto. Observei, especialmente, que a maior parte das atividades propostas permite ao aluno/leitor responder ao gênero, ou seja, cria a possibilidade de uma réplica ativa tal como defendida por Bakhtin.
- As tarefas que exploraram esse contexto, para além do nível meramente linguístico, foram um bom exemplo do que se pode alcançar com esse tipo de abordagem. Dessa forma, a leitura escolar passou a ter uma finalidade, o que ajudou a amenizar a artificialidade inerente ao contexto pedagógico. Em outras palavras, foi possível descobrir no uso da LI como LV em um contexto tecnológico um instrumento valioso para o processo de ensino e aprendizagem de leitura, capaz de torná-lo mais significativo e mais próximo das práticas sociais de que o aluno participa em sua vida real.

A experiência social decorreu do fato de as formas humanas de desenvolvimento, trabalho e aprendizagem serem sempre coletivas. As funções psicológicas se constituírem na interação social, por que o homem é um ser que vive coletivamente.

Vivemos num mundo globalizado, com facilidade para acessar a qualquer informação no momento em que desejarmos e em tempo real. Com isso as informações chegam até nós em velocidade muito grande.

Não podemos esquecer que a LI, atualmente, é fundamental por seu papel hegemônico na sociedade em que estamos inseridos. Quando nos referimos a LI, sabemos, automaticamente, que esta nos dá acesso às informações mais atuais em diversas áreas, como informática, tecnologia, cultura, ciências, política, artigos universitários, entre outras. Como, então, não entender, ou melhor, aprender uma língua que nos cerca em todos os momentos, já que ela está inserida, mesmo que não percebida, em nossos meios de comunicação: rádios, TV, revistas, jornais, livros, internet, em vitrines, roupas, produtos de diversos gêneros. Porque a sociedade não pode aprendê-la de forma linguisticamente competente, não apenas para o espaço da sala de aula, mas para o mundo real que vai além dos portões das escolas, já que muitas vezes a usamos sem perceber. Será que a saída não seria mesmo começar a enxergar o ensino e a aprendizagem de LE como LV, já que dependemos da LI para nos comunicarmos, e desta depende a nossa sobrevivência num mundo tão exigente, cuja a estratégia mais importante é saber comunicar-se em diferentes ambientes, de diferentes formas e em diferentes línguas, em época absolutamente competitiva? A habilidade de comunicar-se de forma competente em sua língua e em LI como LV é, pois, primordial.

Defendo, assim, que devemos reconhecer que dependemos da comunicação e do entendimento que ela nos fornece para termos acesso a todas as informações necessárias e importantes, seja na área profissional ou intelectual. Além disso, a experiência histórica faz parte do componente social do comportamento humano, pois permite que cada homem tenha acesso a informações e conhecimentos obtidos pela humanidade como um todo. Os animais, ao contrário dos homens, não têm experiência histórica.

O instrumento é sempre social, tanto porque seu emprego foi elaborado socialmente no transcurso do trabalho coletivo, quanto porque faz parte da cultura humana e medeia as interações do homem consigo, com o outro e com o meio. Embora seja uma prática às vezes individual, é pela prática social que o indivíduo adquire o uso de instrumentos.

Os instrumentos podem ser materiais ou psicológicos. Assim como o homem usa um instrumento para arar a terra (instrumento material), também usa sua

inteligência e habilidade para confeccionar o arado (instrumento interno). Aos instrumentos internos, Vygotsky (2000) dá o nome de 'signos'. A capacidade de operar com signos e instrumentos é característica central de todas as funções psíquicas superiores. Por esse motivo, antes de explicar o que são signos e instrumentos e qual sua relação com a escrita, cabe, agora, retomar o que são e como se desenvolvem as funções psíquicas superiores, ou seja, os conhecimentos construídos historicamente são apropriados pelo indivíduo através da interação social e contato com a cultura.

Para Almeida Filho (1993), o ensino comunicativo de linguagem é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes, de real interesse ou necessidade do aluno para que ele aprimore o uso da língua-alvo na interação com seu meio. Ser comunicativo na sala de aula, nesse sentido, significa propiciar ao aluno experiências de aprendizado com conteúdos relevantes através da prática e uso da língua-alvo, explorar o papel de apoio da LM; representar temas e conflitos do universo do aluno, avaliar em que medida cada aluno pode engajar-se em atividades comunicativas, tentando levar em conta as diferenças individuais, tais como estilos de aprendizagem, motivação, ansiedade, inibição, empatia e autoconfiança.

Pino (2000), ao analisar manuscrito de Vygotsky, escrito em 1929, esclarece o sentido de "cultural" e "social" na obra desse autor. No manuscrito, Vygotsky formula a lei genética geral do desenvolvimento cultural, segundo a qual toda função psicológica procede de um acontecimento social. Esta premissa do autor demonstra a importância do ser social.

De acordo com Pino (2000), o outro tem papel fundamental para a constituição cultural do homem. Na teoria de Vygotsky, o desenvolvimento cultural passa por três estágios: o dado pelo biológico, a significação atribuída pelos outros àquilo que é dado ao indivíduo pelo biológico e, por fim, a transformação da significação que o outro confere ao dado biológico em significação para o indivíduo. Nesse processo, a mediação é exercida pela significação, sendo o outro o portador da significação. Por exemplo, a significação social da relação "pai-filho", instituída pela sociedade, converte-se na significação que tal pai tem para tal filho e vice-versa. Significações diferentes e que, por isso mesmo, são as fontes das crises e conflitos pessoais, como o mostra a experiência da vida cotidiana. A função mediadora da significação possibilita a reversibilidade do processo: o que é social se

converte em pessoal, e o que é pessoal se converte em social. Ela garante a coerência entre os mundos público e privado da pessoa (PINO, 2000: 68-69).

A possibilidade de comunicação é talvez a maior qualidade da Web. O aprendiz tem a oportunidade de participar de uma série de formas de comunicação autêntica. Alguns exemplos são: deixar mensagens em “livro de visitas”, enviar avaliação sobre um texto lido para o autor; receber *feedback* automático e pessoal após fazer exercícios on-line, etc. Assim, o aluno não precisa mais esperar pelo *feedback* do professor e não pode mais ludibriar a si mesmo, buscando a resposta em apêndices ou encartes nos materiais didáticos antes de fazer os exercícios. O papel do professor que integra a internet à sala de aula tradicional ou que trabalha na modalidade a distância é o de moderador e não o de transmissor de conhecimentos. Assim, em uma aula de leitura, o professor pode indicar um *site* com atividades de leitura, mas permitir que o aluno escolha o texto cujo tema lhe atraia mais.

A Web é um ambiente para se aprender inglês de forma comunicativa, pois oferece oportunidades para o aprendiz usar a língua para propósitos comunicativos e também oferece oportunidade para o aprendiz aprender a língua através do uso da própria língua. Dessa forma, percebe-se que o uso da Internet no ensino de inglês propicia contextos autênticos e significativos; aumento de letramento através da leitura, escrita e oportunidades de publicação na Internet; interação, a melhor forma para se adquirir uma língua; vitalidade obtida pela comunicação em um meio flexível e multimídia; e *empowerment*, pois o domínio das ferramentas da Internet os torna autônomos ao longo da vida.

Segundo Pino (1991, p.33), os seres humanos criam instrumentos psicológicos e sistemas de signos cujo uso lhes permite transformar e conhecer o mundo, comunicar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas. A mediação dos sistemas de signos constitui o que denominamos mediação semiótica. Cabe lembrar que os conceitos científicos tem relação indireta com o objeto, mediada por outros conceitos. Portanto, exige generalização, tomada de consciência e sistematização de conceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, procurei compreender a LI como LV sob o viés da abordagem histórico-cultural em consonância com a abordagem microgenética a fim de verificar se isso poderia acontecer em um ambiente escolar público, com sujeitos interativos da sociedade assim configurada e constituída.

Com a aplicação e análise das aulas, pude confirmar minha hipótese de interferência da LM no aprendizado de LE, pois os alunos fizeram relações do conhecimento de uma língua para aprender a outra, conforme exemplos apresentados anteriormente. Nesse processo, o interessante foi o fato de o aprendiz estudar e refletir sobre o percurso da sua aprendizagem. Na reflexão, ele passou pelas estruturas da LM, sobretudo pelo fato de já ter internalizado o código linguístico, o que pode ajudar ou dificultar o aprendizado, ou seja, foi importante porque o próprio aluno efetuou as transferências dos conhecimentos e de habilidades adquiridos no aprendizado de LM e LE de modo reflexivo. É importante considerar a questão da natureza da linguagem, da aprendizagem e do próprio conhecimento.

Na sociedade do conhecimento e educação, os processos precisam ser seletivos, desenvolver a pedagogia diferenciada, interativa, encontrando na comunicação e provocação de seus alicerces, precisa distinguir conhecimento de informação, pois a informação se torna inútil quando não sabemos usá-la. Assim, integrada à área de linguagens, códigos e suas tecnologias, a LI assume a condição de fonte indissolúvel do conjunto de conhecimento que permite aos educandos aproximar-se de várias culturas, propiciando sua integração neste mundo globalizado.

Dessa forma, considero que as tecnologias de informação trabalhadas em prol do ensino da LI, tais como a Internet, o maior avanço tecnológico na comunicação humana, os benefícios da Internet, no entanto, em muito superam suas possíveis falhas, e o professor pode fazer uso desse enorme banco de dados para criar ambientes de aprendizagem.

Estamos diante de uma nova tecnologia que requer um novo modelo de comunicação e, conseqüentemente, novas demandas cognitivas. A língua da

Internet é a LI, e é exatamente por isso que a aprendizagem dessa língua se torna cada vez mais necessária e também cada vez mais acessível a um grande número de pessoas.

Usar a Internet no ensino de inglês é um desafio que demanda mudanças de atitude de alunos e professores. O aluno bem sucedido não é mais o que armazena informações, mas aquele que se torna um bom usuário da informação. O bom professor não é mais o que tudo sabe, mas aquele que sabe promover ambientes que promovem a autonomia do aprendiz e que os desafia a aprender com o(s) outro(s) pelas oportunidades de interação e de colaboração.

Precisamos praticar o ensino para pensar e dar destino ao que se pensa produzir. O conhecimento existe para ser aplicado, utilizado, saber intervir; não é fazer por fazer, mas saber por que e como faz. Assim, conforme os PCN: "*Cada aluno é sujeito de seu processo de aprendizagem, enquanto o professor é o mediador na interação dos alunos com os objetos de conhecimento*" (PCN; 1998:93).

Vencidos os obstáculos, a Internet será cada vez mais utilizada no ensino de inglês, pois provê muito *input* compreensível, oportunidades variadas de interação, possibilidade de inserção em uma comunidade mundial de aprendizes e falantes da língua e conseqüente comunicação significativa, enriquecida com negociação de sentido em contextos reais.

Nesse sentido, adaptar-se à realidade e nela intervir é um processo reconstrutivo e não repetitivo. O aprendizado de LE proporciona o crescimento global do aluno, que vai além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas, mas que permite ao aprendiz uma nova percepção da linguagem e, assim, desenvolver a consciência do funcionamento da própria LM.

Dessa forma, evidenciou-se neste estudo que a LI, sob esse viés, proporciona aos alunos o seu real engajamento discursivo pelas suas práticas socioculturais, pois a língua é abordada pelo seu significado e uso. Além disso, a LI, concebida como LV, contempla a socialização pela qual os indivíduos conseguem construir significados sociocompartilhados, aumentando, assim, o seu nível de consciência, e

servindo como um meio entre as práticas sociais e os objetos escolares. A LI funciona como uma orientação para a vida social, como um veículo fundamental na comunicação entre os alunos por causa do seu caráter simbólico. Ela foi inserida nas situações reais de comunicação onde existiu uma pluralidade de oportunidades para a interação eficiente e criativa das experiências sócio-comunicativas. Assim, os alunos passaram do nível da cognição individual para a interação social, a qual revelou a gênese e o funcionamento das operações (psicológicas e comportamentais) implicadas no processo de aquisição de conhecimento.

A concepção da LI como LV, possibilitou uma ressignificação da educação linguística, contemplando a linguagem na perspectiva social, ou seja, a língua sob uma abordagem social, histórica e cognitiva. Vygotsky (1995) reitera que, nesse processo, o indivíduo ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. Portanto, é nessa relação dialética com o mundo que ele se constitui e se liberta.

Tendo em vista o contexto atual da educação e da abordagem comunicativa, presente no trabalho, constatou-se que as aulas de LI podem propiciar uma educação mais coerente, com ação direta na vida do educando, participando de suas vivências, permitindo um diálogo problematizador. Além disso, na abordagem da LI como LV ocorre a contemplação cognitiva em que o educador e o educando constroem conjuntamente o conhecimento, numa perspectiva de construção da autonomia intelectual e da emancipação. Embora ocorra, em grande parte, em sala de aula, o processo de aprendizagem da língua deve estar voltado à preparação do aluno para lidar com situações comunicativas na vida real.

Nesse sentido, as habilidades da escrita, da fala e da compreensão oral foram aprofundadas a fim de que, refletindo a língua como prática social, o aluno pudesse alcançar sua proficiência linguística, produzindo e interpretando discursos orais e escritos dentro do seu cotidiano.

Reconhecendo que a LI aumenta as possibilidades de compreensão dos valores e interesses de outras culturas, foi necessária a utilização de tipos de textos que contribuíssem para o aumento do conhecimento intertextual do aluno, validando assim a questão da LV.

Tal prática permitiu que os sujeitos envolvidos se projetassem no tempo e planejassem ações de aprendizagem, decidindo e engajando-se, assumindo

responsabilidades. Assim, tornaram-se agentes de sua própria aprendizagem, produzindo alguma coisa que tenha sentido e utilidade.

A leitura foi, sem dúvida, a fonte de *input* mais facilmente disponível para a maioria das pessoas, não somente para aprendizagem de novas palavras numa LE, mas também como forma de enriquecimento de vocabulário da própria LM. Percebeu-se que a LI deve ser a ferramenta gestora da construção de conhecimentos e de apropriação de signos por parte dos alunos. Entenda-se apropriação de signos como fonte de informações, interpretações do que os cerca. Não podemos esquecer que o inglês hoje é fundamental por seu papel hegemônico dentro da sociedade em que estamos inseridos.

De acordo com Lopes (2003, p. 31) “é crucial que todo cidadão entenda o mundo em que vive, portanto, os processos sociais, políticos, econômicos, tecnológicos e culturais que estamos vivenciando. Não se pode transformar o que não se entende.”

Sendo assim, o enfoque histórico-cultural mostrou-se o mais adequado em relação ao processo educacional. Em outras palavras, através dele foi possível descobrir no uso da LI um instrumento valioso para o processo de ensino-aprendizagem, capaz de torná-lo mais significativo e mais próximo das práticas sociais de que o aluno participa em sua vida real.

No caso da LE, normalmente levamos em consideração alguns critérios de inclusão no processo de ensino e aprendizagem, tais como os fatores históricos, os fatores relativos às comunidades locais e os fatores relativos à tradição. Além disso, é de suma importância que nós, educadores, de LE entendamos este processo como sociointeracional e não estático, pois a língua é interação verbal. Além disso, os PCN (1998) alertam para que os professores levem em consideração o aprendizado como algo que possibilite permutas e construções, ou seja, deve-se primeiro sensibilizar os alunos em relação à LE, considerando o mundo multilíngue e multicultural em que vive, a compreensão global (escrita e oral) e o empenho na negociação do significado e não na correção.

Diante das transformações e dos avanços significativos ocorridos na última década, inclusive na estrutura e funcionamento da educação, procurei, por meio deste trabalho, apresentar o ensino das Línguas Estrangeiras, em particular o inglês, como uma ferramenta. Essa ferramenta deve ser aproveitada no intuito de tornar a

criação cultural concreta e significativa, auxiliando as relações sociais e culturais dos educandos, possibilitando, através do aspecto cultural que a LI possui um desenvolvimento intelectual mais sólido.

Em suma, a LI tem, inegavelmente, a sua função social como LV em vários contextos. Como educadora e indivíduo socialmente ativo, considero que a reflexão proposta neste trabalho abre caminho para outros estudos e discussões, tanto no âmbito pedagógico quanto no político-educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. 1993. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes.

ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria em minha sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC, 1998.

BACALARSKI, M. C. O ensino da língua estrangeira na rede pública: disciplina ou atividade? In: **Anais do IV Encontro de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras**. Assis: Unesp, v.1, p. 37-39, 1996.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. São Paulo: Artmed, 2001. 167p.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação à distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BERGER, Peter. (1980); “**Socialização: como ser um membro da sociedade**”. In Sociologia e Sociedade (orgs. Foracchi & Martins). Rio de Janeiro. Livros Técnicos e científicos Ed. S.A., pp. 205.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2002.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. New Jersey: San Francisco State University, 1994.

BRUN, Jean (Org.). **Didáctica das matemáticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

CARNEIRO, P. Régis. **Gerenciador de Processos para Aplicações em Tempo-Real: Uma Experiência com Arquitetura DSP (Processador de Sinal Digital)**, Fortaleza, 2001.

CASTORINA, José Antonio et al. **Piaget – Vygotsky: novas contribuições para o debate**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

Cavalcante, Márcio Balbino. **O conceito de pós-modernidade na sociedade atual**. In: <http://conviteageografia.blogs.sapo.pt/1732.html>. Quinta-feira, 23 de Agosto de 2007.

CELANI, MARIA ANTONIETA ALBA. Providing opportunities for learning: Teacher training ... **Ensino de Língua Estrangeira: Olhando para o Futuro**. In **Ensino de Segunda Língua: Redescobrimo as Origens**. SP, SP:EDUC, 1997. p. 147-161.

CORACINI, M.J.R.F. **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1995.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?:** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia Vygotskyana. Campinas/SP: Autores Associados, 2004. (Coleção formação de professores).

FÜRSTENAU, Eugênio. *Novo dicionário de termos técnicos inglês-português*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003. 724p.

GALANTE & LÁZARO, Terezinha Prado & Svetlana Ponomarenko. *Inglês básico para informática*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992. 200p.

GAUTHIER, Clermont e MARTINEAU. **Triângulo Didático-Pedagógico: o triângulo que pode ser visto como um quadrado**. IN: Revista Educação nas Ciências. Ijuí, UNIJUÍ, V01, Pg. 45-77, Jan/Jun, 2001.

GERALDI, João W.; SILVA, Lílian Lopes Martin da; FIAD, Raquel Salek. **Linguística, ensino de língua materna e formação de professores**. DELTA, v.12, n. 2, p.307-326, 1996.

_____. **Linguagem e ensino**. 3. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 1998. 150 p.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GÓES, M.C.R. **A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade**. Cadernos Cedes, ano XX, nº 50, Abril/00. P. 9-25.

LAZARATON, A. **A qualitative approach to the validation of the oral languages tests**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LOPES, Luís Paulo da Moita. **Fotografias da linguística aplicada no campo das línguas estrangeiras no Brasil**. DELTA, v.21, n. esp., p.419-435, 1999.

_____. A nova ordem mundial: os parâmetros curriculares nacionais e o ensino de inglês no Brasil: a base intelectual para uma ação política. In: BÁRBARA, L.; RAMOS, R. (Org.). **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas**. Mercado de Letras, 2003. p. 28-57.

_____. “Linguagem /Interação e Formação do professor”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 3, n. 179, 1995.

_____. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 1996a. p. 27-33.

_____. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado das Letras, 1996b. p.127-136.

MADEIRA, Helena M. P.; “**A Sociabilização Escolar e o Indivíduo**”. In O Professor (Revista de Educação). Lisboa, Editorial Caminho S. A., nº 63, III Série, 1999 Janeiro-fevereiro, pp. 53-58.

Marcuschi, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital** Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002. p. 1-45.

MARINOTTO, Demóstene. *Reading on info tech: inglês para informática*. São Paulo: Novatec, 2003. 176p.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1994.

MILLER, Carolyn R. 1994. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: Aviva FREEDMAN & Peter MEDWAY (eds.). 1994. **Genre and the New Rhetoric**. London, Taylos & Fracis, pp. 67-78.

MOSQUERA, Y. **Desenvolvimento humano e ensino de línguas estrangeiras.** Letras hoje. Porto Alegre: PUCRS, n. 3, v. 22, jun/1987. p. 23-31.

MOTTA-ROTH, Désirée. **Leitura em língua estrangeira na escola: teoria e prática.** Santa Maria: UFSM, 2000.

NUNAN, D. **Designing tasks for the communicative classroom.** 1st ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas: PONTES, 2003. 100 p.

PARANÁ. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de Educação Básica do Estado do Paraná – Versão Preliminar,** 2005.

PEREIRA, Ana Beatriz Tavares. *Dicionário ilustrado de informática para leigos.* 2. ed. São Paulo: Berkeley Brasil, 1996. 463p.

PINO, Argel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotsky.** São Paulo: Cortez, 2005. 301 p.

PINO, Argel. **Coleção memória da pedagogia: Lev Semionovich Vygotsky.** São Paulo: Segmento-Duetto, n.2, p.14-21. 2005

_____. Argel. **Cultura e desenvolvimento humano.** Revista Viver Mente & Cérebro - Memória da Pedagogia, Rio de Janeiro, Ed. 02, p. 14-21, nov. 2005.

_____. **O social e o cultural na obra de Vygotsky.** Educação e Sociedade, Campinas, vol. 21, n. 71, p. 45-78, julho/2000.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

RIO GRANDE DO SUL. **Padrão Referencial de Currículo do Ensino Médio.** Língua Estrangeira Moderna. Porto Alegre: Secretaria de Educação, 1998.

ROJO, Roxane. **A prática de linguagem em sala de aula.** São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2002. 384p.

_____. **Por outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 6. ed. Rio de Janeiro: RECORD, 2004. 473 p.

SANTOS, Neide – **Desenvolvimento de Software Educacional.** Abril/1999. Disponível na internet em www.ime.uerj.br/professores/neide/Des_Soft.html Acessado em 30.9.2001.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. **O uso das línguas nas relações internacionais.** In: III Seminário Interamericano sobre a gestão de línguas. Rio de Janeiro, PUC. 29-31 de maio de 2006.

SCARAMUCCI, Matilde V. R. **Vestibular e ensino de língua estrangeira (Inglês) em uma escola pública.** Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 34, p.7-20, 1999.

SAWAYA, Márcia Regina. *Dicionário de informática e internet*. São Paulo: Nobel, 1999. 543p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes & formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TORRES, Décio. *Inglês.com. textos para informática*. Salvador: Disal, 2003. 148p.

VENTURI, M. A. **Considerações sobre a abordagem comunicativa no ensino de Língua**. Revista Eletrônica de Linguística, USP, v. 1, 2007.

VEZ, José Manuel (Org.). **Didáctica de la lengua extranjera en educación infantil y primaria**. Madrid: Síntesis, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.

_____, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____, L.S. **Fundamentos de defectologia**. Havana: Pueblo y Educación, 1995.

_____, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In: VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZORRINHO, C. - **Gestão da Informação. Condição para Vencer**. Iapmei, 1995, pg.15.

ANEXOS

ANEXO A

PLANO DE AULA

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Escola: E. T. E. 25 de Julho

Disciplina: Inglês Técnico

Etapa: 1ª Turma: 121

Curso: Técnico em Gerenciamento de Sistemas de Informação

Professora: Tamara Angélica Brudna da Rosa Junthon

2. CAPACIDADE REFERENCIAL: (Objetivo Específico)

- Dominar conceitos da LI como LV no contexto da informática.

3. OBJETIVOS OPERACIONAIS. (Objetivos Gerais)

- Utilizar dados disponíveis nos textos instrucionais, valendo-se de características específicas, como sua diagramação, presença de quantidades, palavras conhecidas, imagens para fazer antecipações e verificá-las;
 - Distinguir o que se entende e o que não se entende no texto que está sendo lido;
 - Utilizar recursos para superar dificuldades de compreensão durante a leitura (pedir ajuda aos colegas ou ao professor, reler o trecho que provoca dificuldades, continuar a leitura com a intenção de que o mesmo texto permita resolver as dúvidas ou consultar novos materiais para esclarecê-las);
 - Procurar compreender o significado de uma palavra desconhecida no texto a partir do contexto, do estabelecimento de relações com outros textos lidos e da busca no dicionário (principalmente nos casos em que o significado exato da palavra é fundamental);
 - Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação e o vocábulo que melhor reflita a ideia pretendida, interpretando textos;
 - Ler e interpretar artigos e outros textos sobre informática e sua aplicação nas atividades modernas de comunicação;
 - Usar adequadamente a LI como instrumento de comunicação em todas as formas de convivência humana;
- #### **4. CONTEÚDOS CONCEITUAIS E ATITUDINAIS ASSOCIADOS:**
- Conceituais: Vocabulário referente ao contexto da informática.
 - Atitudinais: Interesse pelo conhecimento e pela compreensão dos conteúdos.

5. CONHECIMENTOS PRÉVIOS:

- Informações a respeito do ambiente em que o aluno vive.

6. PROCEDIMENTOS DE ENSINO:

- Percepções das palavras em inglês que já fazem parte do nosso cotidiano e que muitas vezes já utilizamos;
- Exercícios de interpretação de significados da LI inerentes ao contexto da informática;
- Proposição de exercícios no computador.

Conteúdo Específico	Metodologia	Avaliação
1- Texto: Entendendo melhor a Internet	Explicação e exemplificação	- Observação do trabalho desenvolvido em sala de aula; - Acompanhamento no progresso em relação à construção do vocabulário e entendimentos dos vocábulos.
		- Avaliação escrita e prática sobre o funcionamento do aplicativo e termos técnicos referentes ao mesmo.
		- Coerência na tradução e no uso dos termos; - Criatividade na construção da página para demonstrar o significado dos menus e suas opções bem como em relação aos termos técnicos mais usuais.
2- Texto: What is a computer?	- Skimming; - identificação de recursos tipográficos e verbos usados para definição	
3- Texto: The computer system	- brainstorming - inferência da ideia principal do texto a partir do título; - previsão de conteúdo textual a partir da associação de ideias; - uso de diagramas para compreensão textual	
	- previsão de conteúdo textual com base no conhecimento de mundo; - tradução e exercícios de compreensão	
	- inferências;	
		-- avaliar o envolvimento individual na atividade; - avaliar o domínio de todo aplicativo na elaboração das respostas.

7. RECURSOS:

- Apostila, quadro branco, pincel atômico, lápis, borracha, caderno, dicionário, computador, internet e outros.

8. AVALIAÇÃO:

- Será feita durante as aulas através de atividades em grupo e da participação dos alunos nas atividades propostas e os objetivos operacionais.

9. TEMPO PREVISTO:

- 15 sessões h/a.

10. REFERÊNCIAS:

FÜRSTENAU, Eugênio. *Novo dicionário de termos técnicos inglês-português*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003. 724p.

GALANTE & LÁZARO, Terezinha Prado & Svetlana Ponomarenko. *Inglês básico para informática*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992. 200p.

MARINOTTO, Demóstene. *Reading on info tech: inglês para informática*. São Paulo: Novatec, 2003. 176p.

PEREIRA, Ana Beatriz Tavares. *Dicionário ilustrado de informática para leigos*. 2. ed. São Paulo: Berkeley Brasil, 1996. 463p.

SAWAYA, Márcia Regina. *Dicionário de informática e internet*. São Paulo: Nobel, 1999. 543p.

TORRES, Décio. *Inglês.com. textos para informática*. Salvador: Disal, 2003. 148p.

ANEXO B

QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ALUNOS

PESQUISA DE CAMPO DA LÍNGUA INGLESA

1. Dados pessoais

Escola: _____ Série: _____ .

Nome: _____ Idade: _____ .

2. Interesses pessoais

2.1- Você gosta de ler:

- () revistas () jornais
 () livros () outros Quais?

2.2- Você dispõe de tempo para estudar em casa?

- () sim () não () às vezes

2.3- Você possui lugar apropriado para estudar?

- () sim () não Onde? _____ .

2.4- Você como aluno:

	Sim	Não	Em parte
Estuda só para as provas			
Estuda regularmente, não só para as provas.			
Participa das aulas espontaneamente			
Participa das aulas só quando solicitado pela professora.			

Obedece ao horário			
Relaciona-se bem com os professores			
Tem um bom relacionamento com os colegas			
É pontual na entrega de trabalhos			
É assíduo as aulas			

2.5- Você gosta de estudar a Língua Inglesa?

() sim () não

2.6- O que é mais importante para você, no que se refere ao ensino de Língua Inglesa?

() ler() escrever () falar () todas opções anteriores

2.7- Você acha importante aprender uma língua estrangeira? Justifique sua resposta.

2.8- Em sala de aula gosto:

	Não	Um pouco	Sim	Melhor
De trabalhos individuais				
De trabalhar em dupla				
De pesquisar				
De trabalhos que envolvam todos				

3. Como você aprende melhor?

	Não	Um pouco	Sim	Melhor
Lendo				
Ouvindo e usando fita cassete				
Através de conversação				
Através de filmes e vídeos				
Escrevendo tudo no meu caderno				
Estudando no livro texto				
Estudando gramática				
Aprendendo novas palavras				
Praticando sons e pronúncia				
Lendo e interpretando textos				
Através da música				
Estudando em casa				

4. Em relação às aulas de Inglês:

Você julga que sua compreensão nas aulas de Inglês é:

() muito boa () boa () regular () insuficiente

5. Ao saber que terá aula de Inglês, você se sente:

() aborrecido () satisfeito () indiferente

6. Que tipos de assunto você gostaria que fossem tratados nas aulas de Inglês?

ANEXO C

TRANSCRIÇÃO DAS CENAS

TRANSCRIÇÃO

CENA 1

Motivação, contextualização e socialização.

P.: Bem hoje nós vamos tratar sobre o assunto da Internet, o que tem a ver com a Língua Inglesa. Nós vimos já na aula passada o texto da Internet, onde que começou, porque que começou, e nós já ouvimos falar bastante sobre estrangeirismos, certo?

Alunos: Certo.

P.: O que que são estrangeirismos?

Alunos conversam entre si.

P.: Alguém sabe me dizer? Pausa O que vocês acham que são estrangeirismos?

A1: São os estrangeiros.

A2: Professora eu posso falar?

Prof.: Pode.

A2: Professora!É tipo assim: é palavras do cotidiano inglês que vem pro cotidiano brasileiro. Seria isso?

P.:Isso.

A2: Tipo..hot dog.

P.: Hot dog? Isso.Tudo essas coisas assim que eu não sei falar direito.

P.: São palavras que são de origem inglesa e, continuam e permanecem na nossa língua, na mesma forma escrita e falada, só que não se traduz. É a palavra mesmo.São palavras que são adotadas no nosso vocabulário.

Pausa

P.: E na área de informática ou no nosso dia a dia, existem bastante palavras na Língua Inglesa?

A3: Sim.

P.: Sim. E vocês acham que essas palavras, elas são necessárias para que? Principalmente.

Silêncio.

P.: Para que que vocês acham que a gente precisa da Língua Inglesa? Qual a importância dela?

A4: Pra tudo.

P.: Pra tudo tipo o que?

A5: Comunicação.

P.: Comunicação. Muito bem! Vocês já sabem que a Língua Inglesa é a língua universal. Bom. Mas vocês acham por que que eu falei pra vocês na primeira aula que a gente precisa do inglês técnico para informática. Mas vocês acham que vocês vão precisar desse inglês só para profissão de vocês ou para outra coisa além da profissão de vocês?

Alunos: Pra outra coisa além.

P.: Pra outra coisa além! Então vamos pensar no exemplo: se vocês estão formados e são técnicos de informática. Vocês vão estar prestando assistência, certo?

Alunos: Sim.

P.: Quando vocês vão prestar assistência por exemplo, tem os pacotes que vocês tem que baixar são em inglês. As atualizações. Certo?

Alunos confirmam com o balanço da cabeça positivamente.

P.: Vocês precisam do conhecimento só da área da informática ou do inglês também?

Alunos: Do inglês também.

P.: Do inglês também. Então é para o desempenho da função de vocês e para vida ...?

A6: Toda.

P.: E para vida pessoal de vocês também. Então nós vamos ver aqui algumas coisinhas que vocês usam no dia a dia mas as vezes nem se dão conta. Estão usando, já ta incorporado, pode ser considerado estrangeirismo, mas é para comunicação de vocês. Vocês usam como se estivessem falando o português normalmente. Então anotem aí no caderno de vocês: Entendendo melhor a Internet, o título.

Alunos se organizam.

P.: Entendendo melhor a Internet. Aí nós vamos discutir algumas coisas, ver o que que vocês acham que é, pra nós entrarmos num consenso, tá?

Alunos escrevem.

P.: Então nós temos aqui, esse “simbolozinho” aqui oh!

Professora escreve no quadro e alunos visualizam para após anotar.

P.: Esse “simbolozinho” aqui @.

A7: Isso é uma arroba?

P.: Arroba! O que que é arroba? Espirro. Desculpa. O que que é arroba?

Silêncio...

P.: Arroba de boi? De peso? Pra que que serve?

A8: Pra diferenciar um nome de um site?

P.: Pra gente usar no nosso endereço de e-mail. Muito bem! Mas ela é uma palavra que tem origem na Língua Portuguesa ou na Língua Inglesa?

Alunos: Língua Inglesa.

P.: Ah! Na Língua Inglesa!? Mas vocês usam ela pra que? Pra informar o que?

A8: O e-mail.

P.: Pra informar o e-mail! Então é pra comunicação de vocês?

Alunos: Sim!

P.: Sim, mas vocês usam até sem se dar conta do que significa?

Alunos: Sim.

P.: Bom. Arroba é o símbolo da preposição em inglês At que significa...?... em . Por isso que eu digo... Como é que eu digo?.....Meu e-mail é, por exemplo, o teu e-mail é qual?

A9: Não tenho.

P.: Não tem. Quem tem e-mail?

A10: Eu tenho.

P.: Então diz qual é o teu e-mail?

A10: Eu?

P.: É.

A10: É gabi.ju.rosa@hotmail.com.

P.: Então, tá significando que a Gabi está em tal provedor. Então vejam vocês usam, é uma palavra que tem origem inglesa, usam na comunicação como se fosse algo do contexto de vocês, né? Então anotem ao lado disso: símbolo usado (repete 1x), para separar (repete 1x), o nome do usuário (repete 1x), do provedor (repete 1x) de acesso.

Alunos copiando.

P.: Alguém já sabia disso?

Alunos: Não.

P.: Mas todo mundo usa?

Alunos: Sim.

P.: Mais uma prova de que a Língua Inglesa serve para a comunicação sem a gente se dar conta. Aí, eu lembro da primeira aula que alguém disse “ Ai profe!Eu não sei nada de inglês!” Quem foi?

Risos.

P.: Ah! Eu não sei nada?! Continua com a mesma afirmação de que tu não sabe nada?

A11: Mais ou menos.

P.: Mais ou menos. Tu usa e-mail?

A11: Sim.

P.: Então tu já ta usando a Língua Inglesa. Concorda comigo?

A11: Sim.

P.: Então tá bom. Bom, agora essa outra palavra aqui, como que vocês leem?

A professora escreve no quadro a palavra BROWSER.

Alguns tentam pronunciar.

P.: Browser. O que que é um browser?

Alunos pensam.

P.: Me digam.

Alunos falam baixo entre si...

P.: Me deem um exemplo de browser se vocês não sabem me dizer...

A12: Firefox!

P.: Firefox. Qual outro?

A13: Mozilla.

P.: E o mais conhecido?

Alunos: Internet Explorer.

P.: Microsoft Internet Explorer. Então o que que é um browser?

Alunos: Um navegador.

P.: Ah! Um navegador! Então vocês costumam dizer: meu navegador é a Internet Explorer ou vocês costumam dizer meu browser é?

Alunos: Meu navegador!?

P.: Meu navegador? Mas quando vocês vão pesquisar lá, vai aparecer navegador ou vai aparecer browser?

Alunos: Browser.

P.: Vai aparecer browser! Muito bem! Então como é que eu posso classificar o browser? É o que?

A9: É um navegador.

Alguns alunos conversam entre si.

P.: Navegador...

A14: Um software de navegação!?

P.: Navegador...Isso..Navegador, nome de programa utilizado (repete 1x), para a navegação na Internet. Aí entre parênteses coloquem o exemplo: Internet Explorer, Mozilla, entre outros .Netscape Navigator, né! Também tem!

A15: Qual profe?

P.: Internet Explorer é um exemplo. Só que um cuidado! Browser no contexto da Internet significa navegador. Mas mais adiante vocês vão ver quando eu falar do Delphi, browser vai significar visualizador. Muda o sentido?

Alunos pensam.

P.: Muda a tradução mas a função quase a mesma. Navegador? Visualizador? Praticamente a mesma coisa. Como é que eu vou saber quando é navegador e quando é que é visualizador?

Alunos pensam.

P.: Eu sabendo em português a tradução ou eu sabendo dar o sentido, o contexto na Língua Inglesa?

Alunos: O sentido.

P.: O sentido! Muito bem! Agora aqui assim oh! Essa palavrinha aqui, como é que vocês lêem?

A professora escreve no quadro chat.

Alunos pronunciam a palavra chat.

P.: “Chet” ou “chat”?

Alunos: “Chat”.

P.: Muito bem. Se vocês fossem falantes nativos do inglês, vocês teriam que falar “chet”. Mas vocês ouvem na televisão, na rádio, tudo que falam “chat”. Está certo ou está errado uma das formas?

Alunos: Certas.

P.: Estão certas as duas. O que que modifica pessoal?... Nessa pronúncia?...Se não está errada, está mostrando o que?...Que é diferente. Mesma coisa nós aqui no sul, falamos português e lá no nordeste tentam falar português, né, risos, falam português, né. Só que (repete 1x), aqui nós temos o sotaque nosso e lá eles tem o

deles. Pra nós as vezes fica “ não entendível”, como nós pra eles também. Mas está errado?

Alunos: Não.

P.: Não! È diferente! Então a mesma coisa com a palavra “chet” ou “chat”. Não é certo, nem errado uma pronúncia ou outra, é diferente conforme a cultura, conforme a comunidade. E o que que é um chat?

Alunos falam entre si.

P.: Oi?

Não entendível!

P.: Repeat, please.

A16: Um centro de comunicação.

P.: Que mais?

A17: Uma sala de bate-papo.

P.: Isso mesmo! Então (risos) anotem ao lado: sala de bate-papo, o recurso mais utilizado na Internet. Vocês vejam, vocês achavam que o e-mail, ou uma pesquisa seria o recurso mais utilizado? ...Não. E quando vocês ouvem uma propaganda, por exemplo, na televisão, eles dizem entrem nessa sala de bate-papo ou eles dizem entrem nesse chat? Nesse Chat?

Alunos: Nesse chat.

P.: Isso. Então eles chama pela palavra em inglês, dificilmente pela de português. Por que?

A18: Pelo marketing.

P.: Pelo marketing e ...

A18: É a mais usada.

P.: É mais usada qual: chat ou bate-papo?

Alunos: Chat.

P.: Então, por ser mais usada na comunica...

Alunos: cação.

P.: Muito bem. Vamos para outra coisinha que vocês também já sabem mas, da onde que vem o WWW?

Professora escreve no quadro.

A19: World Wide Web.

P.: Isso.

Professora escreve no quadro e pronuncia.

P.: E o que que significa isso?

Alunos conversam entre si.

P.: Lembrando...Grande rede...

Alunos: Mundial.

P.: Então anotem lá: grande rede mundial. Bom, mas quando vocês, ah, vocês vão acessar lá, todas as páginas tem WWW?

Alunos: Não.

P.: Não. Quando não tem significa o que?

Alunos pensam.

P.: Ou quando tem significa o que?

A20: Disponível na grande rede mundial pra os outros.

P.: Isso mesmo. WWW é a convenção que se usa para a grande rede mundial. Se eu tenho uma rede local, eu não preciso então do WWW. Então, por isso que tem alguns que não se usa e outros se usa. Agora isso aqui oh, http, que vem da sigla hypertext transfer protocol.

Professora escreve no quadro.

P.: Traduzindo...

Alunos: Protocolo de transferência

P.: De hipertexto. Bom, mas o que que é um protocolo de transferência de hipertexto? Quando aparece isso lá, tá demonstrando o que gente?

Alunos pesam.

P.: Sempre aparece?

Alunos: Sim.

P.: Sim, sempre aparece. Bom, mas vocês usam e pra que? Pra que que será tem isso lá? Vocês usam todo dia e pra que que a gente usa isso?

Alunos pensam.

P.: Pra que precisa isso?

A21: Tem a ver com os textos que vão aparecer nas páginas, sora.

P.: Tem a ver sim. Bom, mas se eu tô aqui no Brasil ou lá nos Estados Unidos, sempre aparece isso será?

Alunos: Não sei...Sim.

P.: Sim. Bom, mas se aparece aqui, aparece lá?

A21: É um símbolo mundial.

P.: É um símbolo mundial. Muito bem, mas pra que que ele serve?

A21: Pra entra na rede.

P.: Isso. Então é o protocolo de transferência de hipertexto. Então anotem lá: protocolo de transferência de hipertexto. O que que é, antes de nós vermos ali oh, o que que é um hipertexto gente?

A19: Protocolo...

P.: Protocolo de transferência de hipertexto. O que que é um hipertexto gente?

Alunos pensam.

P.: É um texto grande?

Alunos conversam entre si.

P.: Alguém consegue me dar um exemplo de hipertexto?Uh! Pausa. Vamos fazer assim oh, vamos pensar que vocês querem acessar a página da Unijuí. Me digam alguma informação que vocês queiram da Unijuí.

Alunos conversam.

A20: Biblioteca.

P.: Biblioteca. Bom, então eu vou entrar na página inicial da Unijuí. Aí eu vou clicar no ícone, no link biblioteca. Dentro da biblioteca, o que que você quer lá?

A20: Um livro.

P.: Um livro. Ele vai lá em busca, pesquisa. Aí lá na busca, pesquisa você tem que dar algum indicativo: autor ou nome, algum indicativo. Selecionei esse indicativo, consigo chegar a minha informação, certo?

Alunos: Certo.

P.: Então, isso é um hipertexto, eu saio de uma informação geral pra chegar numa específica. Pode ser que a informação que eu queira seja uma palavra, ou seja, eu saio de uma informação grande, geral, ou seja, Unijui pra chegar num título de obra. Então, é o caminho que eu percorri que é um hipertexto, não é o tamanho da palavra ou do texto, tá. Isso que é um hipertexto na área da informática, tá. Então anotem ao lado ainda de protocolo de transferência da hipertexto: linguagem usada (repete 1x), para a comunicação na Internet. Vocês já ouviram falar em HTML, né? Lembram que eu falei pra vocês?

Alunos: Sim.

P.: O que que era HTML? Uma ...

A20: Linguagem pra web.

P.: Linguagem para programação de...

A20: Sites.

P.: Sites. Muito bem. Então, por isso que http é uma linguagem, só que é uma linguagem comum, universal, que eu posso usar aqui no Brasil, Estados Unidos, Japão, qualquer lugar. Por isso que é a grande rede mundial, que eu consigo pegar uma informação daqui e acessar em qualquer local. Se eu não tivesse esse protocolo de transferência, eu não conseguiria acessar essas informações, certo?

P.: Vamos lá pra mais uma palavrinha que vocês (repete 1x), conhecem, usam, mas...

Professora escreve no quadro site.

P.: Site. O que que é um site?

Alunos pensam.

P.: O que que é um site gente?

Alunos: Páginas.

P.: Páginas, isso mesmo! Páginas. Site vem da palavra sítio, certo? Mas vocês ouvem dizer site da empresa ou o sítio da empresa?

Alunos: Site.

P.: Site da empresa. Muito bem, então é uma palavra que a gente só usa em inglês, a gente não usa em português. É isso?

Alunos: Sim.

P.: Muito bem, qualquer um pode ter um site?

Alunos se questionam entre si.

P.: Sim. Bom, qual que é a característica que diferencia um site de um blog, por exemplo?

A20: Blog não precisa ter um provedor, tem um blospot, workexpress, e é próprio.

P.: Bem, mas por que que não pode ser um site isso?

A20: Por que não tem o acesso livre?

P.: Bem, porque o site tem um caráter mais de publicidade, comunicação e o blog tem um caráter mais pessoal. O blog funciona mais como um diário eletrônico e o site são páginas para ambos os fins, né. Então, anotem ao lado: páginas disponíveis na Internet para oferecer (repete 1x), inúmeros recursos. Muito bem. Agora essa palavra aqui vocês usam diariamente.

A professora escreve no quadro Internet.

P.: Internet. Alguém já passou um dia sem pronunciar essa palavra?

Risos.

Alunos: Não.

P.: Hum?

Alunos conversam entre si.

P.: Alguém já passou algum dia?

A18: As vezes.

P.: Mas raramente?

A18: Sim.

P.: Raramente, mas é difícil. É difícil. Bom, mas o que que é Internet?

Alunos pensam.

P.: Já que vocês falam tanto, vocês tem que saber o que que é!

A19: É uma rede interligada.

P.: É uma rede interligada?! Sim, mas ah ,por que que eu não digo: eu vou acessar a rede interligada?

Alunos: Risos. É mais fácil usar Internet.

P.: É mais fácil usar Internet?!

Alunos: Sim, por que a gente é acostumado a dizer.

P.: Mas por que? Se Internet é em inglês e não em português que é a minha língua?

A17: Porque é uma linguagem comunicativa.

P.: É uma linguagem comunicativa?! Se eu falar Internet aqui no Brasil e lá nos Estados Unidos, eu vou ser entendida?

Alunos: Sim.

P.: Sim. Se eu falar no Japão?

Alunos: Sim.

P.: Então é uma linguagem (repete 1x), que serve pra gente se comunicar em qualquer...

Alunos: Lugar.

P.: Qualquer lugar, em qualquer situa...

Alunos: ção.

P.: Sim, mas e aí, o que que é Internet?

Alunos: Risos.

Alunos pensam.

P.: Da onde surgiu?

Alunos pensam.

P.: Por que que surgiu?

A16: Pra ajudar as pessoas, acho.

P.: Vocês usam e não sabem o que que é?

A16: Ela surgiu pra ajudar, é.

P.: Sim, surgiu pra ajudar mas eu continuo com a minha pergunta, o que que é Internet.

Alunos: Risos.

P.: Uhn?

A18: Vão explicar acho que pra nós ainda.

P.: Ah, tá! Vão explicar ainda! Mas que quero ouvir de vocês! Já que vocês passam quase todo dia falando essa palavra vocês tem que saber o que estão falando, vocês não são papagaio...Risos... que falam, falam e repetem e não sabem o que que é...

Risos.

P.: Ou são?

Alunos pensam.

P.: O que que é Internet pra você Alana? O que que é o teu entendimento de Internet?

A21: Sei lá... é a rede do mundo inteiro.

P.: Pra ti, o que que é Internet?

Risos.

A22: É, hum, sei lá, uma coisa assim que surgiu pra ajudar na nossa vida.

P.: É o nome da grande rede mundial!

Surpresa de alguns.

P.: Se ela foi criada, ela tem que ter um

Alunos: Nome.

P.: Nome. Então Internet é o nome. Então anotem lá: nome da grande rede mundial. Se eu fosse traduzir Inter e net, aí sim seria rede interligada, mas na verdade é o nome da grande rede mundial, tá. Agora outra coisinha que vocês já viram e já sabem.

Professora escreve no quadro SURF.

P.: O que que é surf?

Alunos: Surfar!?

P.: Surfar! A gente surfa na Internet?

Alunos: Risos, nããã.

P.: Não, a gente...

Alunos: Navega.

P.: A gente navega. E como é que vocês sabem que surf no contexto da Informática é navegar? Por que?

A20: Porque vem da palavra surfar.

P.: Sim, vem da palavra surfar mas por que que eu sei que surf é surfar lá na praia e surf não é surfar, é navegar aqui?

A21: Depende do contexto.

P.: Ah! Depende do contexto! Mas se você é uma pessoa que não sabe que surf é surfar e eu digo pra vocês hã, que surf é navegar. Você vai aceitar isso numa boa ou não?

A21: Sim.

A19: Sim, né, se a gente não tem ideia.

P.: Ah! Porque vocês não sabem o que que é. Mas o que que permite a gente saber dar esse contexto?

Alunos se olham.

P.: O que que permite a gente saber que lá na praia surf é surfar e aqui é navegar? Que (repete 2x) recurso que permite a gente consiga dar esse sentido, esse contexto?

Alunos pensam.

P.: A nossa ...

A18: Mente.

P.: A nossa mente. Por que? Porque vocês já ouviram falar essa palavra antes, já sabiam que surf lá na praia é surfar e que aqui é navegar, porque vocês já tem o conhecimento...

Alunos: Local.

P.: Local, conhecimento prévio, já vem com uma bagagem. Então, só anotem ao lado então: navegar. Agora tem outra palavrinha que vocês usam diariamente.

Professora escreve no quadro DOWNLOAD.

P.: Como é que vocês lêem isso?

Alunos: Download.

P.: Download. O que que é um download gente?

Alunos: Baixar arquivos?

P.: Hã?

Alunos: Baixar.

P.: Baixar!? Bom, mas quando vocês vão fazer um trabalho, por exemplo, de qualquer disciplina, tá. Vocês vão dizer: ah, eu vou baixar um arquivo ou eu vou fazer um download?

Alguns alunos: Eu vou baixar....

Outros alunos: Fazer um download...

P.: Hã?

Alunos: Usa os dois!?

P.: Usa os dois? Mas qual que vocês usam mais: download ou baixar arquivo?

Alunos: Baixar arquivo.

P.: Ah! Mas e como é que aparece lá nas páginas: baixar arquivo ou download? O que que aparece mais?

Alunos: Download.

P.: Ah, download. Muito bem. Mas me digam uma coisa, o download é permitido para todas as pessoas?

A20: Sim.

A21: Sim.

P.: Não. Por que? Quando que ele não pode ser feito por todas as pessoas?

A17: Por quem não tem Internet...risos.

P.: Não só. Quando você não tem a permissão, quando é acesso...

Alunos: Restrito.

P.: Restrito ou tem que pagar. Então anotem ao lado: ato de baixar (repete 1x), arquivos da Internet. Agora me digam como é que é o nome do ato contrário, o ato ...

A15: Upload.

P.: Upload! É o contrário! Então upload é o ato de...carregar arquivos para Internet. Então, upload é o ato de carregar arquivos para Internet. E vocês dizem: ah, eu vou carregar um arquivo para Internet ou eu vou fazer um upload?

Alunos: Eu vou fazer um upload.

P.: Eu vou fazer um upload. Muito bem. Agora pessoal, eu vou dar dois minutos pra vocês escreverem no caderno de vocês, as palavras que vocês usam no dia a dia que são em inglês, que vocês saibam o que é e saibam me dizer. Dois minutos. Escrevam o número máximo de palavras, não precisa ser só do contexto da informática, contexto geral. Palavras que vocês saibam que são o que são em inglês. Dois minutos.

CENA 2

Realização das atividades

Alunos discutem e escrevem em seus cadernos.

Após fazem atividades que estão no anexo D.

ANEXO D

FOLHAS XEROCADAS DOS EXERCÍCIOS TRABALHADOS EM SALA DE AULA



APRESENTAÇÃO DO CURSO

O que é inglês instrumental? Como surgiu?

“English for Specific Purposes” (**E.S.P**), que em português quer dizer: Inglês com Objetivos Específicos, também chamado de **inglês instrumental** ou **técnico**, ou seja, é a habilidade de entender textos em língua inglesa usando estratégias específicas de leitura.

Surgiu com a necessidade de comunicação rápida e eficaz em vários contextos mundiais. Como por exemplo: durante a guerra, os soldados precisavam aprender o idioma do inimigo para sobreviverem, este vocabulário básico era visto no avião, navio, nos campos de batalha.

Com o passar do tempo, outros contextos sociais foram surgindo, como: a necessidade de leitura de livros, revistas, catálogos, instruções operacionais, manuais escritos em inglês que precisavam ser compreendidos pelos usuários, etc. Sendo assim, torna-se necessário uma abordagem específica da língua Inglesa, que atenda as necessidades profissionais dos estudantes, que são leitura e compreensão de livros.

E assim, o Inglês Instrumental possui o objetivo de desenvolver a habilidade de leitura, isto é, de compreensão de textos de diversas áreas do conhecimento escritos em língua inglesa, utilizando para isso estratégias de leitura, a fim de tornar o aluno capaz de compreender um texto da sua área de estudo.

Nesse enfoque, a leitura conta com o conhecimento prévio dos leitores. O inglês instrumental consiste no “treinamento instrumental” dessa língua, em que as habilidades têm por objetivo extrair conhecimentos para áreas específicas de estudo.

Vale lembrar que o inglês instrumental ou técnico pode ou não visar a comunicação oral em inglês, entretanto, para os cursos de WEB e REDES sua principal habilidade a ser trabalhada será a leitura e o estudo de gramática, restringindo-a a um mínimo necessário, ou seja, associando-a ao texto.

TESTE: COMO ESTÁ O SEU INGLÊS?

Leia atentamente o texto abaixo e assinale a opção correta para cada questão.

1 A computer is a programmable machine that stores and retrieves data and performs high-speed logical and mathematical operations. However, it is not able to think. It accepts data and instructions as input, and after processing them, it outputs the results.

4 When we talk about computers, we have to consider the hardware and the software. The hardware consists of all the electronic and mechanical parts that make up a computer system, and the software is the collection of data and programs needed to solve problems with a computer.

QUESTÕES DE 1 A 11

1) O melhor título para o texto seria:

- a) The history of Computers
- b) What is a computer?
- c) Hardware x Software

2) É uma idéia presente no texto:

- a) o computador resolve problemas através do seu próprio raciocínio.
- b) o hardware é mais importante para o computador do que o software.
- c) o processamento de dados é composto de três etapas.

3) Do texto, podemos inferir que:

- a) o computador se presta a diversas aplicações por causa da sua versatilidade.
- b) o computador está se tornando cada dia menor e mais barato.
- c) o computador é a invenção humana que mais evoluiu nas últimas décadas.

4) "(...) the software is the collection of data and programs needed to solve problems with a computer." A idéia contida na oração acima está associada a:

- a) It basically consists of the systems analysts, the programmers, the operators and the technical managers.
- b) It is the collection of man-written solutions, as well as all documents to guide the operation of a computer.
- c) It consists of several units: the CPU, the main memory, and the peripherals known as input and output devices.

5) No trecho selecionado para a **questão 4**, a palavra "programs" pode ser entendida como:

- a) canais
- b) jogos
- c) instruções

6) A pergunta que pode ser respondida com base nas informações contidas no texto é:

- a) Quem inventou o computador?
- b) O que significa software?
- c) O que é um dispositivo de entrada?

7) A opção na qual a palavra *computer* exerce a função de modificador é:

- a) computer (l. 1)
- b) computers (l. 4)
- c) computer (l. 5)

8) O melhor parágrafo para finalizar o texto seria:

- a) Fourth-generation computers are rather faster than third-generation computers and can complete thousands of instructions at a time.
 b) On the backside of the computer, there are several slots into which we can connect a wide range of peripherals.
 c) In only a short time, the computer has changed the way in which many jobs are done and has become part of our everyday lives.

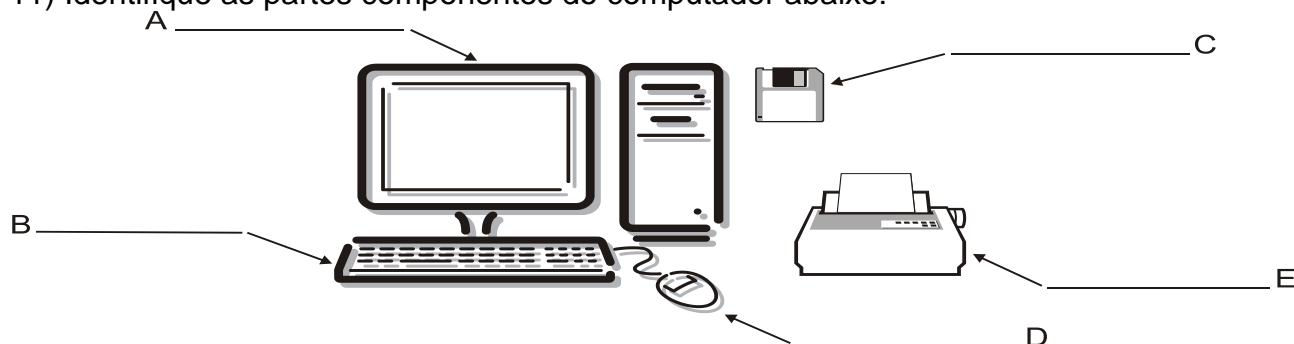
9) De acordo com o texto e com as informações abaixo faça a correspondência entre as palavras (à esquerda) e as definições (à direita)

- a) computer game () The study and development of computer systems, hardware and software.
 b) computer graphics () All of the hardware and software that can interact with a particular computer.
 c) computer science () Charts, graphs, diagrams, or pictures produced with the aid of a computer.
 d) computer security () A computer program designed for amusement or instruction.
 e) computer system () The process of protecting a computer system from access by virus or unauthorized persons.

10) Os fatos abaixo estão relacionados com a história do computador. Numere-os de 1 a 5, partindo do mais antigo para o mais recente.

- () In the 17th and 18th centuries, many ways of calculating were invented.
 () The first analog computer was used in World War II.
 () The primitive calculating device was the fingers of a man's hands.
 () Howard Aiken invented the first digital computer, called Mark 1.
 () The first real calculating machine appeared in 1820.

11) Identifique as partes componentes do computador abaixo:



Monitor – Screen – Keyboard – Mouse – CD-Rom Drive – Disk Drive – Scanner – Printer – CD-Rom - Floppy Disk/Diskette

12) Complete a coluna de exemplos da tabela com as partes identificadas na figura:

Type	Description	Example
Storage devices	Provide permanent storage for data and programs.	a) _____
Input devices	Enable data to go into the computer's	b) _____

	memory.	_____ c) _____
Output devices	Enable users to extract information from the system.	d) _____ e) _____

- 13) A oração que melhor resume as idéias contidas no texto, na figura e na tabela é:
- Most computers are equipped with data communication facilities.
 - Computers are also used in education and business.
 - A computer is not only a machine but also a system.



PALAVRAS FAMILIARES (ESTRANGEIRISMOS)

Familiars são palavras conhecidas pela maioria das pessoas que vive em um país altamente influenciado pela cultura dos países de Língua Inglesa. Não têm a mesma origem das palavras da Língua Portuguesa.

Alguns exemplos de Familiares:

Software	Windows	Hot dog	Diet
Fast food	Video game	Credit card	Mouse
Delivery	Dollar	Marketing	Light
Shows	Moto/Office Boy	Site	Drive-thru
Hamburguer	Play	DVD / CD	Record

Computer Vocabulary

Anti-virus software - A program that finds and removes viruses from a computer.

Backup - A copy on floppy disk or tape of files on a PC's hard disk. A backup is used in case the hard disk file(s) are erased or damaged.

Bit, bytes - A bit is the smallest piece of information that computers use. For simplicity, a PC uses bits in groups of 8 called bytes (8 bits = 1 byte).

Boot, boot up, boot disk - You boot (or boot up) your computer when you switch it on and wait while it prepares itself. Instructions for startup are given to the computer from the boot disk, which is usually the hard disk.

Browser, to browse - A browser is a program like Netscape or Internet Explorer. You use it to view or browse the Internet.

Bug - A (small) defect or fault in a program.

Cache - A kind of memory used to make a computer work faster.

CD-ROM - A disk for storing computer information. It looks like an audio CD.

CPU - Central Processing Unit. This is a PC's heart or 'brains'.

DOS - Disk Operating System. The original system used for PCs. You type in commands instead of pointing and clicking.

Driver - A small program that tells a PC how a peripheral works.

Electronic mail (email, e-mail) - Messages sent from one computer to another. You can see email on the screen or print it out.

Floppy disk - A cheap, removable disk used for storing or transferring information. It is floppy (soft) because it is plastic. See hard disk.

Floppy drive - The device used to run a floppy disk (usually drive 'A').

Folder (directory) - A sub-division of a computer's hard disk into which you put files.

Font - A particular sort of lettering (on the screen or on paper). Arial is a font. Times New Roman is another.

Format - All hard disks and floppy disks have to be electronically prepared for use by a process called formatting. Hard disks are pre-formatted by the computer

manufacturer. If you buy a floppy disk that is not pre-formatted, you format it yourself, using a program that comes with your PC.

Graphics card - The equipment inside a computer that creates the image on the screen.

Hard disk - The main disk inside a computer used for storing programs and information. It is hard because it is metal. See floppy disk.

Icon - A small image or picture on a computer screen that is a symbol for folders, disks, peripherals, programs etc.

Internet - International network of computers that you connect to by telephone line. Two popular services of the Internet are the World Wide Web and electronic mail.

Kb, Mb, Gb - Kilobytes, megabytes, gigabytes. Used to measure computer memory and storage.

Memory - Memory is for the temporary storing of information while a computer is being used. See RAM, ROM and Cache.

MHz - Megahertz. This describes the speed of computer equipment. The higher the MHz the better the performance.

Modem - Equipment connected to a computer for sending/receiving digital information by telephone line. You need a modem to connect to the Internet, to send electronic mail and to fax.

Operating System - The basic software that manages a computer.

OCR - Optical Character Recognition. OCR lets a PC read a fax or scanned image and convert it to actual lettering.

Parallel port - A socket at the back of a computer for connecting external equipment or peripherals, especially printers.

PC card - A device that is the same size as a thick credit card, for plugging into a slot on notebook computers. You can buy memory, modems and hard disks as PC cards.

Peripheral - Any equipment that is connected externally to a computer. For example, printers, scanners and modems are peripherals.

Pixel - The image that you see on the screen is made of thousands of tiny dots, points or pixels.

Program Software that operates a PC and does various things, such as writing text (word-processing program), keeping accounts (accounts program) and drawing pictures (graphics program).

QWERTY - The first 6 letters on English-language keyboards are Q-W-E-R-T-Y. The first 6 letters on French-language keyboards are A-Z-E-R-T-Y.

RAM, ROM - Two types of memory. RAM (Random Access Memory) is the main memory used while the PC is working. RAM is temporary. ROM (Read Only Memory) is for information needed by the PC and cannot be changed.

Resolution - The number of dots or pixels per inch (sometimes per centimetre) used to create the screen image.

Scanner - Equipment for converting paper documents to electronic documents that can be used by a computer.

Serial port - Socket at the back of a PC for connecting peripherals.

Taskbar, Start button - Two areas of the screen in Windows 95. The taskbar, at the bottom of the screen, shows the programs in use. The start button, in the bottom left corner, is for opening new programs.

TFT - Thin Film Transistor, a type of high quality screen for notebook computers.

Virus - A small, unauthorized program that can damage a PC.

Windows - An operating system used by the majority of PCs.

World Wide Web, WWW, the Web - WWW are initials that stand for World Wide Web. The Web is one of the services available on the Internet. It lets you access millions of pages through a system of links. Because it is 'world-wide', it was originally called the World Wide Web or WWW.

WYSIWIG - 'What You See Is What You Get.' With a WYSIWIG program, if you print a document it looks the same on paper as it looks on the screen.

A Computer Inside and Out

H F M E O P E R A T I N G S Y S T E M F L
 O L A M E I M I M
 P O S A I B S E A M W W P E E M A S E
 A P O T D S R P H L E R R P R M A P M
 R P F E A R R O B E I D S C E H P R O
 A Y T N R O C E W N S O O R H M P E E
 L D W R E P M R T S Y U S M M N L A M
 L R A E U Y E E F S E E O P E A E D O
 E I R T R M R M O D R R C M D O E S T
 L V E N Y S T H H
 P E V I C D A P P L I C A T I O N S M E E
 O E R
 R H A R D W A T B
 T U O
 Y M O E S A C N A
 R C R
 O C A K E Y B O A R D M O U E M L D E D D
 M O M T R S
 E R S O F T E V I R D D R A H O O
 M R W W O R D P R O C E S S O R F
 A T
 E C D R O M D R I V E D E R A W D R A H W

Computers are made up of **HARDWARE** and **SOFTWARE**.

The physical parts of a computer make up the hardware. Inside the computers **CASE** you will find hardware like the **MOTHER BOARD**, **MEMORY**, **CPU** and a **HARD DRIVE**. To get data into the computer you may have a **KEYBOARD**, **MOUSE**, **FLOPPY DRIVE** and a **CDROM DRIVE**. For communication you may have a **MODEM**. The modem can be inside the case or outside. If outside it will be attached to a **SERIAL PORT**. You may also have a **PRINTER** attached to your computers **PARALLEL PORT**.

The main software for a computer is the **OPERATING SYSTEM**. This software is what makes your computer start and keeps all of the hardware pieces talking to you and each other. On top of that you may load your various **APPLICATIONS**. Typical applications include a **WORD PROCESSOR** or maybe a **SPREAD SHEET** program. Very popular these days are **BROWSER** and **EMAIL** programs which are used to access the **INTERNET**. There are many different types of software for both fun and business use.

Name: _____

Date: _____

Computers

1. semuo _____

3. purceotm _____

5. itroonm _____

7. erltnnte _____

9. adhr vedir _____

11. oamrgspr _____

13. neret _____

15. suvri _____

17. rierpnt _____

19. nercsna _____

21. tofeiasrv _____

23. ietd _____

25. elsseirw _____

Copyright 2001-2005 abcteach - All Rights Reserved

2. aloppt _____

4. censre _____

6. ebw iest _____

8. oemmd _____

10. esfli _____

12. arbekdoy _____

14. aev _____

16. mli-ae _____

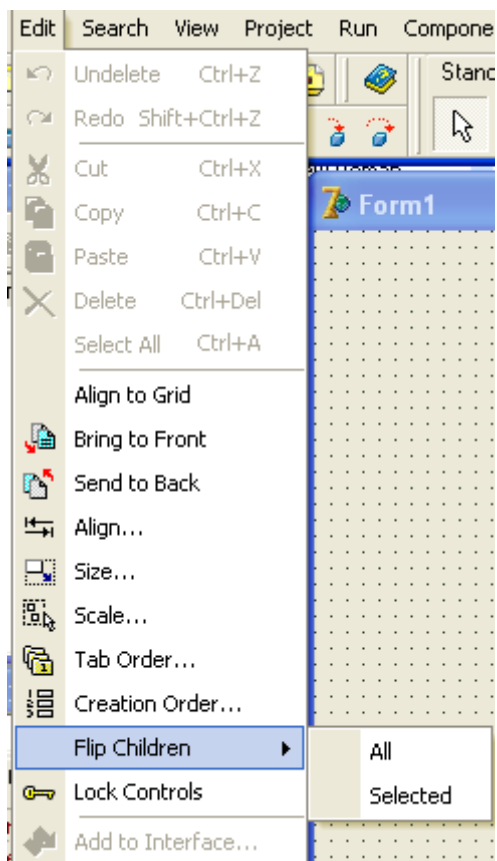
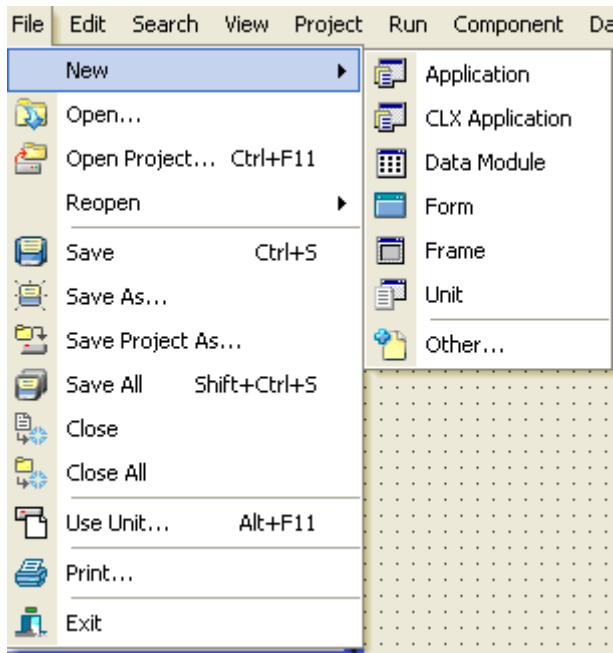
18. xfa _____

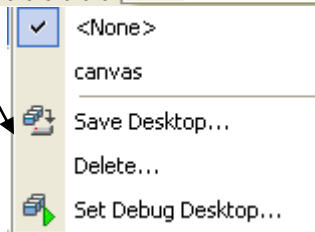
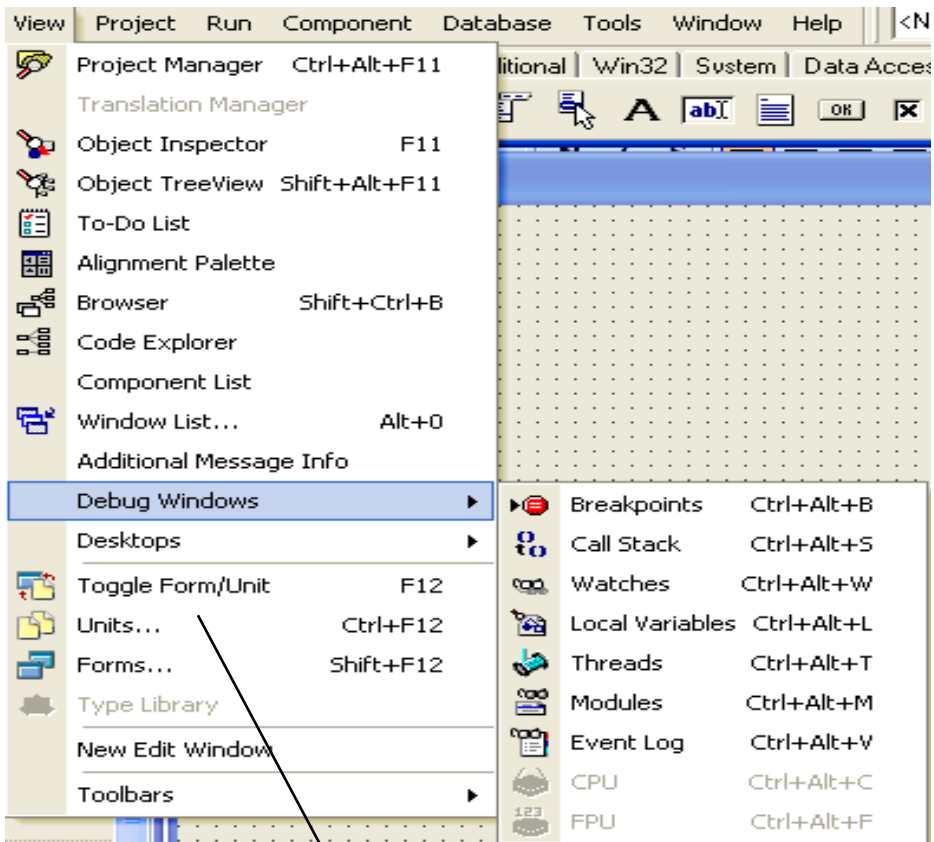
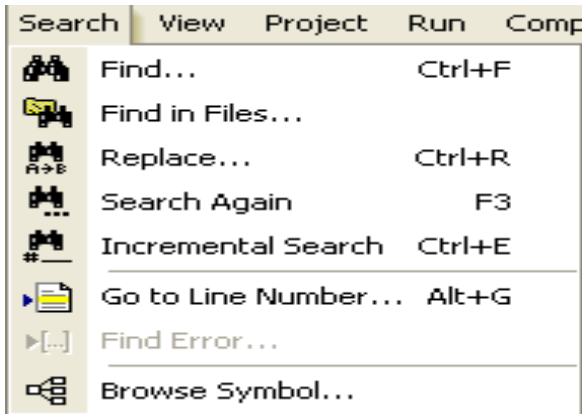
20. tsopek _____

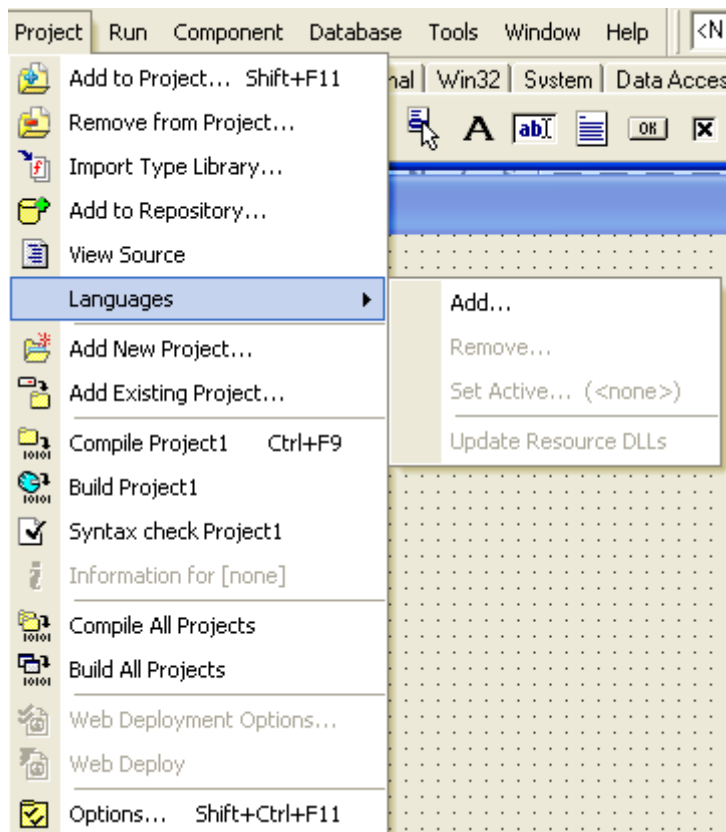
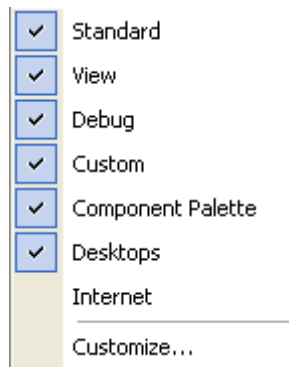
22. rwdo serpoorcs _____

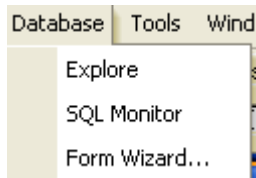
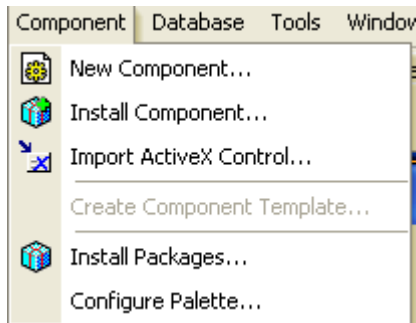
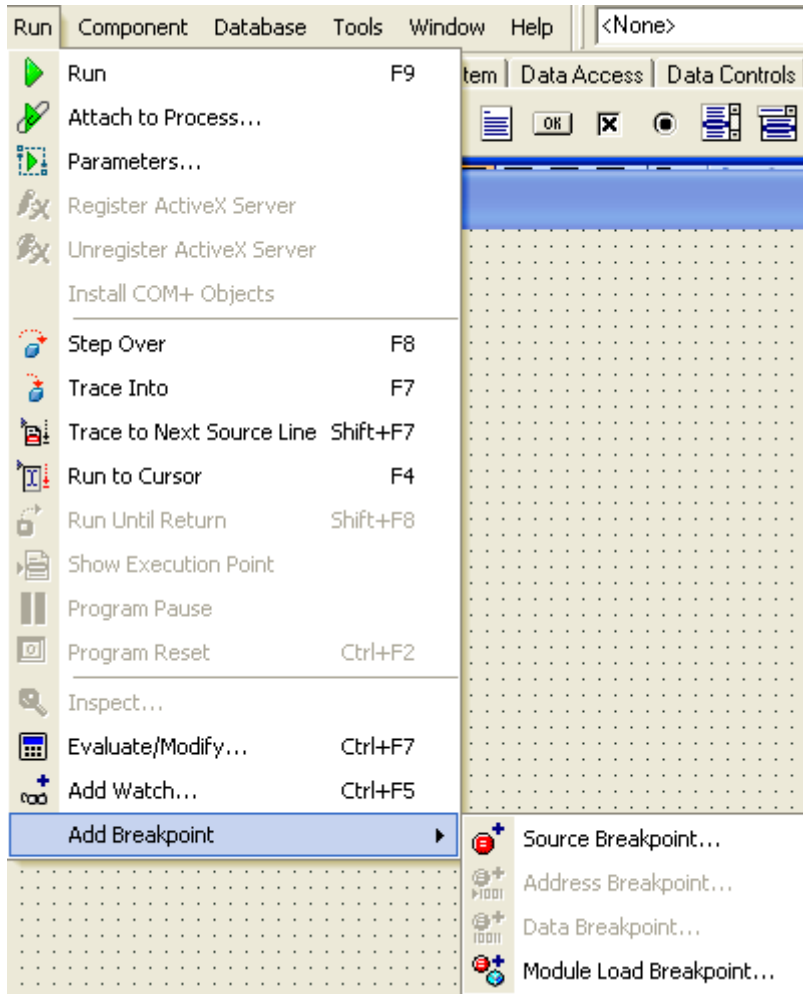
24. llpse hckce _____

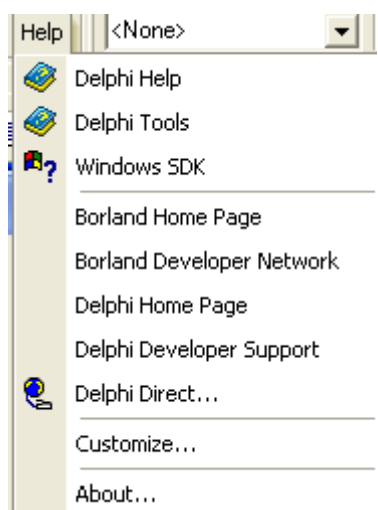
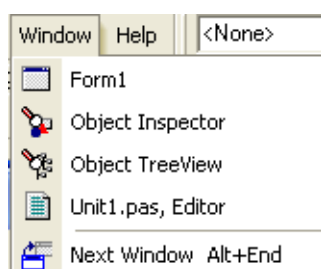
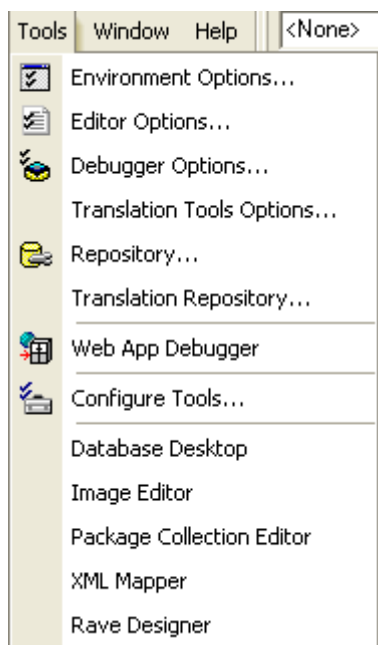
26. lbeca _____











TEXTO 1

Every day more and more of us find that computers have become part of our daily background: magazines we read have been typeset by computers, architects have designed our houses with the help of computers, our paylips are printed by computers, we pay bills prepared by computers, using checks marked with computer symbols, and the payments result in bank statements prepared by computers. Even more directly associated with the machines are those who use them in their day-to-day work – scientists and storekeepers, clerks and directors, soldiers and sailors, accountants and engineers – besides the growing numbers of computer personal who are responsible for making the machines do the work. Each of us, whether layman, computer user or computer technician, will have problems with computer terminology.

Inputting / Outputting Information

Magnetic tape – it is one of the principal input/output recording media used with computers and is mainly used for storing intermediate results of computations and for compact storing of large amounts of data, in an ordered sequence. It is much cheaper to store information on tape than in the computer main memory or on a disk memory device, but it takes longer to locate a particular data item if it is stored on tape: data must be stored and accessed sequentially.

Magnetic disk – it consists of a series of concentric paths or tracks each capable of storing data in magnetically coded form. It looks like a phonograph record and a series of disks is mounted on a vertical shaft. One or more access arms move into the disk to read or write the data stored on it. Disks may be hard (made out of aluminum) or floppy (made out of plastic). Disks may be permanently attached to the drive unit or they may be made up as removable disk packs. Disks may be made even more efficient by using laser beam to read and write data.

VOCABULARY

Media = pl. of medium (Latin word) = meios

Large amounts = great quantities = grandes quantidades

Cheaper = more inexpensive = mais barato

It takes longer = leva mais tempo

Accessed = reached = alcançados, acessados

Paths or tracks = trilhas

It looks like = parece com, é semelhante a

Shaft = eixo

Drive unit = dispositivo impulsor

Packs = packages = vários discos presos por um eixo

Laser beam = raio laser

Mainframes, Minicomputers and Microcomputers

A mainframe computer is a large computer system comprised of a large central processing unit, separate memory banks, multiple data-storage devices and peripherals. It is found in computer installations which process immense amounts of data. This powerful machine has a larger repertoire of more complex instructions which can be executed more quickly.

A minicomputer is much smaller than the mainframe computer. It was developed to perform limited functions in scientific environments with less computing capacity. It became possible to reduce the size of the computer with the replacement of vacuum tubes by transistors and the development of multicircuit "chips".

A microcomputer is the smallest of the three sizes of computers. The central processor of a micro, called the microprocessor, is built as a single semiconductor device, that is, all the elements necessary to perform all the logical and arithmetic functions are manufactured as a single chip. The microprocessor literally contains a computer on a chip that can pass through the eye of a needle.

VOCABULARY

Comprised of = including = incluindo, compreendendo, composto de

Multiple = tendo muitas partes; múltiplo

Repertoire = repertório, conjunto

Environments = surroundings = ambientes

The Concept of a Database

In general we might say that all the files that make up the data processing system of a company form their database.

However, the term database is now used in a much broader and more comprehensive sense. To appreciate this let us contrast a conventional data processing system and a database system.

A conventional data processing system consists of one or more separate files for each application; in a database system a single large collection of data serves all applications.

If we were to survey the software market today, we would find a large number of database systems available.

VOCABULARY

Database = databank = banco de dados

Files = arquivos

Make up = formam

Broader = larger, wider = mais amplo

Sense = sentido, significado

To survey = to examine = examiner, pesquisar

Software market = Mercado de software, isto é, de programas

What Happens Inside a Computer?

When we sit down at a computer, we type on a keyboard which is one of the means of inputting data. And when we type on this keyboard, each letter or number

is converted into a series of 0s and 1s. This binary language is what the computer understands.

After being converted into 0s and 1s, the data are then changed into electrical impulses which travel over a cable to the computer, where they are stored in **memory**. Each computer word, called a **byte**, is assigned a place in a memory cell to await processing. The data, now in the memory cells, are acted upon and processed according to the **program** being used.

The **output**, or final result, is then achieved and converted back into numbers and letters, which is displayed on **TV screen** or printed on paper by a **printer**.

VOCABULARY

Keyboard = teclado

Binary language = linguagem que o computador entende, composta de zeros e uns; linguagem binária.

Travel = passam de um ponto para outro

Byte = oito dígitos binários; oito “bis”

Assigned = given = indicado, especificado

Achieved = accomplished = alcançado

Printer = máquina que imprime; impressora

Binary Numbers

Binary numbers are well suited for use by computers, since many electrical devices have two distinct states: **on** and **off**. They are the numbers computers themselves understand. Composed entirely of zeros and ones, they express all values in powers of two.

The advantage of the binary system is that you only need two symbols (0 and 1) to express any number, no matter how big it is. Since computers are basically just large groups of switches, and since these switches can only be either **on** or **off**, binary system fits right in; you just define **0** as **off** and **1** as **on** and then binary numbers tell the computer which switches to throw.

The table below shows some numbers written in binary and decimal form. Note that writing numbers in binary requires more digits than writing numbers in decimal.

Decimal	Binary	Decimal	Binary
0	0	11	1011
1	1	12	1100
2	10	13	1101
3	11	14	1110
4	100	15	1111
5	101	16	10000
6	110	17	10001
7	111	18	10010
8	1000	19	10011
9	1001	20	10100
10	1010		

VOCABULARY

Well suited = well appropriate = bem adequados, apropriados

In powers = em potências

No matter = não importando

Since = uma vez que

Switches = chaves

Either ... or = ou ... ou

Fits = suits = é adequado, apropriado.

Different Kinds of Memory

Read only memory (ROM) – In most computers it is useful to have some of the instructions or whole programs permanently stored inside the computer. There are particular kinds of chips which enable us to do this so that the memory is not lost even when the machine is switched off. These are called ROM chips. ROM stands for “read-only memory”. The word “non-volatile” is often used to describe this kind of memory – meaning that it is not destroyed when the power is switched off.

Random-access memory (RAM) – The other kind of memory found inside computers is called RAM. Another name for it is “read/write memory”. RAM chips are the kind which lose their contents when the power is lost – so this kind of memory is sometimes also described as “volatile”. In the computer, RAM is the working memory.

Back-up memory – The last kind of memory which concerns us is “back-up” memory. This is memory outside the main body of the computer in which programs can be kept for future use or in which data can be kept until the computer is ready to use it. It could be a cassette tape or a magnetic disk.

VOCABULARY

Chip = dispositivo que contém muitos transistores e outros componentes montados sobre uma peça de silício

Enable us = capacita-nos

Random Access memory = tipo de memória da qual a informação pode ser instantaneamente copiada, não importando onde ela esteja localizada; memória de acesso randômico ou aleatório

Concern us = diz respeito a nós, concerne a nós

ANEXO E

CONVENÇÕES PARA A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

As convenções utilizadas para as transcrições dos dados foram baseadas parcialmente em LAZARATON (2002).

P Professor

A Aluno não identificado

AA Vários ou todos os alunos ao mesmo tempo

A1, A2, etc Aluno identificado

A3? Provavelmente A3

Axxx Nome próprio

(.) Pausa breve

(...) Pausa longa

? Entonação ascendente

! Entonação descendente

[[Falas simultâneas

[Sobreposição de vozes

() Incompreensível

(xxxx) Suposições/provavelmente xxxx

Maiúscula Ênfase ou acento forte

:: Alongamento

(()) Comentários do analista

< > Indica que a velocidade da conversa é mais lenta

> < Indica que a velocidade da conversa é mais rápida

/.../ Indicação de transcrição parcial ou de eliminação

= Não há intervalo entre os turnos

